

CRISTIANE ROVEDA GONÇALVES

**MEMÓRIAS DA COLONIZAÇÃO: FICÇÃO E
REALIDADE EM *O GUARDA-ROUPA ALEMÃO*, DE
LAUSIMAR LAUS**

FLORIANÓPOLIS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

CRISTIANE ROVEDA GONÇALVES

**MEMÓRIAS DA COLONIZAÇÃO: FICÇÃO E
REALIDADE EM *O GUARDA-ROUPA ALEMÃO*, DE
LAUSIMAR LAUS**

Dissertação submetida ao Curso de Pós-
Graduação em Literatura da Universidade
Federal de Santa Catarina para a obtenção
do Grau de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Heloisa
Fava Tornquist

FLORIANÓPOLIS

2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gonçalves, Cristiane Roveda

Memórias do colonização: ficção e realidade em O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus [dissertação] / Cristiane Roveda Gonçalves ; orientadora, Helena Heloisa Fava Tornquist - Florianópolis, SC, 2013.

143 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. O guarda-roupa alemão. 3. Imigração alemã. 4. Literatura e memória. I. Tornquist, Helena Heloisa Fava. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Toda escrita é um trabalho solitário e silencioso. Entretanto o resultado deste trabalho é a soma de leituras, vivências, mudanças, experiências e trocas construídas a partir da trajetória acadêmica iniciada na graduação, das quais algumas pessoas foram fundamentais.

Início agradecendo a minha orientadora prof.^a Dr.^a Helena Heloisa Fava Tornquist, que acreditou neste trabalho quando ele ainda era um projeto vago e impreciso, contribuindo para meu enriquecimento intelectual com sugestões, críticas e indicando leituras. Tê-la como orientadora foi um privilégio.

Às professoras Zilma Guesser Nunes e Rosvitha Friesen Blume, que participaram do Exame de Qualificação desta dissertação, agradeço pelas significativas sugestões que procurei incorporar neste trabalho.

Às amigas Luzia Pivetta e Sandra Pottmeier, agradeço pelas trocas de experiências acadêmicas, leituras críticas, além da generosidade nos momentos de angústia e indecisão.

A minha mãe Ivani, sempre presente encorajando-me e apoiando-me na realização deste trabalho.

Ao meu marido Ideraldo e aos meus filhos Ariadne e Pedro, pela compreensão e paciência nos momentos em que não pude estar em família.

A Deus, por ter-me dado saúde e condições para que pudesse passar pela experiência acadêmica, tornando-me uma profissional melhor preparada.

RESUMO

Este estudo é a análise do romance *O guarda-roupa alemão* de Lausimar Laus, publicado em 1975, uma das narrativas que descrevem a colonização alemã no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Refletindo sobre questões relacionadas a certa mitificação da figura do imigrante alemão e de sua identidade cultural, à luz da teoria pós-colonialista, discutem-se não somente questões estruturais do romance, mas em especial a formação da identidade do imigrante alemão, presente no imaginário da região como exemplo de força cultural e de trabalho superior aos não imigrantes. Dessa forma, este trabalho, além de articular uma discussão entre ficção e confissão, focaliza as relações entre retratos de época e resgates da história, ou seja, as fronteiras e limiares entre ficção e história.

Palavras-chave: *O guarda-roupa alemão*. Imigração alemã. Literatura e memória.

ABSTRACT

The present research project is the analysis of one of the narrations that describes the German colonization at *Vale do Itajaí*, in *Santa Catarina*, the novel “*O guarda-roupa alemão*”, written by Lausimar Laus and published in 1975. Such research project considers and discusses about the German immigrant mystification issues and his culture identity. In this case, the main purpose is analyzing the novel under Post-Colonial Theory view, involving not just the novel’s esthetical and structural issues, but also to search subsidies in the novel. It allows a reflexion about the German immigrant identity formation as a higher cultural and work strength myth if compared with the non immigrants. Thus the present research project focuses on the relationship among the portraits of that time, historical immigrants personal memories, historical traces, fiction and history borders and thresholds as well as to articulate a discussion between fiction and confession.

Key-words: *O guarda-roupa alemão*. German immigration. Literature and memory.

As histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles. (SAID, 1995, p.13.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 MARCAS DA COLONIZAÇÃO NA LITERATURA	12
1.1 O IMIGRANTE ALEMÃO NO VALE DO ITAJAÍ	12
1.2 <i>O GUARDA-ROUPA ALEMÃO</i> E A HISTÓRIA NA FICÇÃO.....	23
1.3 O NOVO CENÁRIO	38
1.4 O PERIGO ALEMÃO	46
2 <i>O GUARDA-ROUPA ALEMÃO</i> NA LITERATURA BRASILEIRA	55
2.1 A ESCRITORA CATARINENSE	58
2.2 A CHEGADA D’ <i>O GUARDA-ROUPA</i>	63
2.2 ABRINDO <i>O GUARDA-ROUPA</i>	65
3 O QUE A HISTÓRIA NÃO NOS CONTOU	85
3.1 MULHERES EM DESTAQUE.....	86
3.2 ETHEL E HILDA: MÃE, FILHA, MULHER	88
3.3 LULA E MENININHA: AS LUSO-BRASILEIRAS	94
3.4 SACRAMENTO: UM ELO SILENCIOSO NA FAMÍLIA	100
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS CITADAS.....	114
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	120
BIBLIOGRAFIA DE LAUSIMAR LAUS	124

ANEXO A..... 126

ANEXO B..... 128

ANEXO C..... 129

ANEXO D..... 132

INTRODUÇÃO

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho originou-se da curiosidade em compreender como se dá a construção ou desconstrução de determinada identidade, que, como se sabe, apoia-se na memória pessoal e/ou na memória de outro, e ainda, talvez, na imaginação. Neste caso específico, o que se pretende aqui é examinar as representações literárias de uma sociedade em formação, neste caso específico, a cidade de Blumenau.

Partindo de leituras e críticas já existentes, propõe-se uma análise do romance *O guarda-roupa alemão*, procurando subsídios sobre a formação da identidade do imigrante alemão enquanto mito. Empenhamo-nos em identificar, interpretar e ainda determinar em que medida uma narrativa como *O Guarda-Roupa Alemão*, escrita por Lausimar Laus, em 1975, contribui para a construção ou desconstrução de identidades míticas ou estereotipadas.

Como sabemos, a literatura mostra-se como recurso capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural, ou ainda fortalecer representações idealizadas, muitas vezes reforçadas pelo imaginário coletivo. De tal perspectiva e baseada nas palavras de Antonio Candido (1995, p. 243), que afirma que “cada

sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”, a escolha do romance para análise ultrapassa o limiar do regionalismo literário e chega à discussão da figura do imigrante e de sua identidade cultural.

Na perspectiva da construção de identidade, Stuart Hall afirma que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”, no entanto ele alerta que “essas identidades não estão impressas em nossos genes” (HALL, 2006, p. 47). Este crítico sinaliza ainda que o aparecimento e ascensão “de classes emergentes se dá pelas instabilidades, mudanças constantes, movimento, volatilidade” (SAID, 2003. p. 223).

Nesse panorama, analisam-se as personagens imigrantes com base nos pressupostos da Teoria da Literatura, partindo da corrente de crítica pós-colonialista, aliando-se a isso a tentativa de identificar, em *O Guarda-Roupa Alemão*, aspectos históricos da cultura que comprovem e/ou esvaziem a mítica da imigração e do imigrante como referência de cultura superior, raro exemplo de força cultural e de trabalho superior aos não imigrantes.

O guarda-roupa alemão narra parte da história de Blumenau, situada no Vale do Itajaí, interior catarinense e colonizada por imigrantes alemães. Cabe destacar que do ponto de vista histórico, a colonização alemã no Brasil teve relação direta com os interesses brasileiros de instalar no Brasil agricultores livres e civilizados, na tentativa de tornar o país desenvolvido e industrializado, conforme afirma Giralda Seyferth (1990, p. 10). Outro objetivo do governo brasileiro foi “fixar camponeses em pequenas propriedades, criando assim uma classe média rural, praticamente inexistente” (KLUG, 1994, p. 33). Desse modo, as primeiras colônias foram fundadas no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, motivadas talvez pela “necessidade de pacificação dos silvícolas trazendo-os à civilização”¹. Este contraste de atitudes é exposto no romance, visto que os imigrados germânicos nascidos na Europa acreditavam na necessidade do extermínio dos índios que viviam na região; já Klaus Ziegel, um dos personagens centrais do romance em análise, que era naturalista formado, mesmo levando uma flechada dos índios, não desistia da integração e do respeito entre as culturas, a ponto de casar-se com uma índia.

¹ Expressões amplamente utilizadas pela imprensa oficial de Blumenau, especialmente nas décadas de 1950 a 1980 (SILVA, 1988, p. 16).

Para abordar o tema da imigração na literatura, lembramos inicialmente de Julia Kristeva, quando afirma que “o problema de hoje colocado pelo estrangeiro revela-se inaceitável para o indivíduo moderno” (KRISTEVA, 1994. p. 10), a sociedade que emerge da revolução burguesa é nacionalista e totalitária e o individualismo passa a ser característica marcante do homem moderno. No entanto, o estrangeiro só será reconhecido como estrangeiro a partir de suas singularidades e diferenças, assim tanto o estrangeiro imigrante colonizador quanto o nativo do país que o recebe valem-se de símbolos para forjarem assim uma identidade própria, capaz de reunir um determinado grupo em torno de um território invisível.

Em seus estudos sobre a colonização em nosso país, Alfredo Bosi destaca que “os tipos de colonização distinguem-se em dois processos: o que se atém ao simples povoamento, e o que conduz à exploração do solo” (BOSI, 1992, p. 11-12). Com efeito, a história da imigração no Brasil, que teve início em 1530 com a criação das capitanias hereditárias e o sistema de sesmarias, tinha como intenção primordial ocupar o litoral brasileiro para, na sequência, iniciar a exploração das terras. Essa imigração se intensificou no século XVIII com a melhoria do transporte marítimo, com a escassez de mão de obra e com a

necessidade de preservar as terras brasileiras de uma possível invasão espanhola. Assim, a imigração para o Brasil e a colonização das novas terras “reforçam o princípio básico do domínio do homem sobre a natureza” (BOSI, 1992, p. 19-20) e a preservação dos bens da cobiça de invasores.

O primeiro capítulo deste trabalho busca apresentar questões pertinentes à história e à cultura local do Vale do Itajaí, com especial atenção para cidade de Blumenau, que é cenário do romance objeto de estudo desta dissertação. Aqui são reconhecidas as marcas da imigração alemã, ocorrida na segunda metade do século XIX, sejam elas econômicas, culturais ou sociais, e que são percebidas ainda hoje, no século XXI. A partir do romance *O Guarda-roupa alemão* serão lembradas a Segunda Grande Guerra Mundial e a simpatia dos descendentes alemães por Adolf Hitler; a Era de Vargas com a nacionalização do país; além de fatos históricos locais que marcaram a região, como as enchentes que modificaram o espaço e estabeleceram novas relações entre os moradores de Blumenau.

O segundo capítulo deste trabalho dedica-se ao momento histórico em que o romance aqui analisado está inserido, e, para tanto, será importante identificar como se dá a relação entre a biografia da autora do romance, Lausimar Laus,

e a sua criação literária, visto que esta escritora leva para a literatura parte da história oficial da região onde passou sua infância. Ainda nesse capítulo, analisaremos o romance indicando como ele se insere na Literatura Brasileira e outras questões, ligadas aos temas abordados pela autora do romance, também serão discutidas.

No capítulo três será dedicado à análise do romance. Para melhor entender a atuação dos personagens e como se dão as relações entre eles no enredo do romance será dada atenção especial à participação da mulher, ou seja, a uma análise sob a perspectiva das questões de gênero. Isto é possível porque as mulheres são as personagens mais representativas em toda a narrativa, e é a partir das suas relações na sociedade que se desenvolve o enredo.

A conclusão da dissertação procura-se fazer uma síntese da pesquisa ressaltando aspectos da obra em estudo, em especial os que contribuíram para a construção e desconstrução do mito do imigrante alemão no Vale do Itajaí.

1 MARCAS DA COLONIZAÇÃO NA LITERATURA

“...a procura dos critérios objetivos de identidade regional ou étnica não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios são objeto de representações mentais...”

Pierre Bordieu, 1989, 112.

1.1 O IMIGRANTE ALEMÃO NO VALE DO ITAJAÍ

Localizada no Vale do Itajaí,² no estado de Santa Catarina, a cidade de Blumenau teve a sua colonização oficial por alemães iniciada em 1850, sendo um bom exemplo daquilo que Julia Kristeva chama de “exaltação e máscara” quando em seus estudos sobre o estrangeiro, lembra que é um “esfolado sob a carapaça de ativista ou incansável trabalhador migrado” (KRISTEVA, 1994, p. 14). Os imigrantes colonizadores alemães sofreram provações e, anestesiados pelo trabalho de organização do novo território que estava sendo ocupado, não percebiam as rupturas, surpresas e adaptações, assim o estrangeiro imigrante colonizador exaltava suas conquistas com “sentimento altivo” (KRISTEVA, 1994, p. 14). O estrangeiro, diferente daquele que já ocupa o território, sabe que possui

² A região do Vale do Itajaí compreende os seguintes municípios catarinenses: Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Ibirama, Itajaí, Ituporanga, Rio do Sul, Rodeio, Taió e Timbó.

uma biografia, ou seja, a vida do estrangeiro colonizador é uma sequência de desafios e lutas, é uma vida feita de provas.

O colonizador já possui uma identidade cultural em seu território de origem e passa pelas dificuldades próprias de sua região. Então para aliviar seus problemas recorre a uma nova vida em outro país, fato este ocorrido com os imigrantes germânicos. Ao chegar ao Brasil os germânicos traziam consigo o sofrimento vivido na terra natal e também suas raízes culturais, ao iniciar a colonização enfrentaram as dificuldades de se viver em um país desconhecido. Nesse sentido confirma-se o que sinaliza Kristeva sobre a exaltação da máscara visto que, os colonizadores e os historiadores locais empenharam-se em relatar a história da colonização exaltando os feitos transformando-os em conquistas; o que é confirmado nas palavras do historiador blumenauense José Ferreira da Silva que em seus estudos afirma:

cada vez mais ufano e entusiasmado com a sua obra, apesar dos sofrimentos e contrariedades que a mesma lhe causava. [...] mostravam-se dispostos e animados, trabalhando confiantes no futuro do estabelecimento. (SILVA, 1988, p.49).

Indiferença e afastamento são características do estrangeiro imigrante colonizador. O grupo de imigrantes cria

uma espécie de carapaça para proteção, que acredita ser necessária, e tem orgulho de pertencer a este determinado grupo. A certeza do estrangeiro imigrante colonizador é a de “não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso” assinalado no estudo de Julia Kristeva , (Op. Cit. p. 15).

Esse é o conflito presente em *O guarda-roupa alemão*, romance da escritora catarinense Lausimar Laus que já em suas primeiras linhas, apresenta-nos um armário como personagem central e será através deste móvel que a narrativa se estruturará, já que o

Kleiderschrank se impregnara de todas as histórias daquela família. Assistia a tudo calado e mudo. Sempre havia mais um lugar dentro dele para roupa dos que chegavam e para os segredos de todo. (LAUS, 2006. p. 10)

No idioma alemão *kleiderschrank* significa armário, e este, que dá título à obra em análise, viera com os primeiros imigrantes germânicos para o Brasil. Assim, toda a história da família Ziegel aconteceu diante do móvel que fora a testemunha silenciosa dos seus segredos e suas decepções. Lausimar Laus ao colocar no título o substantivo guarda-roupa,

demonstra ter se preocupado em narrar a história pela perspectiva de uma testemunha que não poderia interferir nos acontecimentos, a autora, ao longo do romance, parece estar preocupada em manter-se a distância dos fatos narrados, visto que, como apresentaremos no decorrer deste trabalho, conhece muito bem a história da colonização germânica no Brasil.

Ao contar a saga da família de imigrantes a escritora catarinense traça um verdadeiro painel da colonização germânica na cidade de Blumenau e ainda apresenta traços da identidade cultural e social presentes na cidade, desde a colonização até os dias atuais. A construção de determinada identidade, como se sabe, apoia-se na memória pessoal e/ou na memória de outro e ainda na imaginação. Nesse sentido, a literatura mostra-se como recurso capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural ou ainda fortalecer representações idealizadas, muitas vezes reforçadas pelo imaginário coletivo. Juan José Saer (1991, p.1), em seus estudos sobre o conceito de ficção e biografia, afirma que “a verdade não é necessariamente o contrário da ficção, e que quando optamos pela prática da ficção não o fazemos com o propósito obtuso de tergiversar a verdade”, logo a ficção não pode ser considerada como o contrário da verdade. Mesmo quando o autor apresenta em sua

ficção fontes e informações verdadeiras, está dando um tratamento, a seu modo, para o mundo real; o autor de ficção recria o real sem, necessariamente, ter um compromisso com a verdade.

Sabemos que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições, mas também de símbolos e representações. Sendo um modo de construção de sentidos que organiza nossa concepção do mundo e, conseqüentemente nossas ações, a cultura nacional pode também ser vista como um discurso. Efetivamente, nas estórias contadas, nas memórias que remetem ao passado de uma dada comunidade, nas biografias produzem-se sentidos com os quais os indivíduos se identificam como integrantes da “nação”, embora, como sabemos, essa identidade tenha resultado de um trabalho de construção, como bem demonstrou Benedict Anderson. (APUD – TORQUIST)

Como veremos aqui, no romance em análise encontramos informações históricas a propósito da colonização germânica no Brasil, ao mesmo tempo em que também encontramos a narrativa da história de uma família que poderia fazer parte de qualquer outro contexto, visto que, os conflitos existentes no romance são universais.

Nesse viés teórico, pode-se elencar algumas obras de ficção na literatura brasileira nas quais seus autores procuraram recriar o ambiente a sua maneira, dando um tratamento próprio aos fatos considerados historicamente verídicos. Usando da memória pessoal ou a alheia, ficcionalizaram a imigração e a colonização do Brasil, como, por exemplo, Aluizio de Azevedo com *O Cortiço*, em que atuavam imigrantes portugueses; seguido depois pelos modernistas Graça Aranha, com *Canaã*, destacando a presença de alemães; Oswald de Andrade com *Marco zero*, retratando a imigração japonesa e Alcântara Machado, que em *Braz, Bexiga e Barra Funda* retratava os imigrantes italianos de São Paulo. Obras estas publicadas na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Ainda no século XX, a literatura produzida no Brasil também explorou a temática da imigração, seja de caráter confessional ou de representação de um outro, de uma outra alteridade. O repertório de títulos é vasto, mas para confirmar que o tema da imigração é amplamente utilizado na ficção brasileira podemos citar Erico Veríssimo, Fausto Wolf, Moacyr Scliar, Samuel Rawet, Nélida Piñon, José Pozenato, Miguel Sanches Neto, Ana Miranda e Raduan Nassar. Esses autores, com seus romances, prolongaram a tradição de seus

antepassados ou ainda nos revelaram a experiência de sua própria imigração.

O fato é que a recriação da realidade da imigração repetiu-se ao longo do século XX, espelhando-se pelo Brasil, tornando-se um dos principais temas da literatura alicerçada no estado de Santa Catarina, estado que historicamente é conhecido por sua ampla colonização europeia. São exemplos dessa temática na literatura os romances: *Desafio dos olhos azuis*, de Evaldo Pauli; *Verde Vale, Cruzeiro do Sul* e *As Brumas dançam sobre o espelho do rio, No tempo das tangerinas* e *Cruzeiros do Sul*, de Urda Alice Klueger; *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Junior; além dos mais recentes *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel; *Marcelino Nanmbrá, o manumisso*, de Godofredo de Oliveira Neto; e o romance objeto central deste trabalho de pesquisa, *O guarda-roupa alemão*,³ de Lausimar Laus.

Segundo Julia Kristeva, “o prazer do sofrimento é um quinhão necessário no turbilhão insensato” (1994. p. 14) que se configura a imigração. O sofrimento dos imigrantes então se transfigura em glória, e o movimento de colonização entra para a história oficial como conquista e saga de um determinado povo. Não basta, a história dos imigrantes, relatar o êxito no

³ Para este trabalho, usamos a 4ª edição do romance, publicada pela Editora da UFSC, em 2006.

processo de colonização, há também a necessidade de mostrar o sofrimento e as provações pelas quais passaram os imigrantes, só assim os primeiros colonizadores serão lembrados com gratidão e glória. Esse é o ambiente e o momento histórico escolhido por Lausimar Laus para criar sua ficção. Portanto, o romance *O guarda-roupa alemão* pode ser lido como um panorama da colonização da cidade catarinense Blumenau e também como um panorama dos sentidos e sentimentos que envolveram tanto os colonizadores imigrantes quanto os colonizados nativos do Brasil, em sua maioria chamados de luso-brasileiros, o que nos reporta a outra história de imigração e colonização, a portuguesa. Entretanto, foi significativo na análise do romance o tratamento estético que a escritora dá aos fatos históricos.

Abdelmalek Sayada ao tratar sobre o tema da imigração em suas primeiras palavras converge para a teoria da Julia Kristeva a propósito da exaltação e máscara, afirmando que “fora situações excepcionais, ele - o fenômeno da imigração – contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade” (SAYAD, 1998, p. 45). O imigrante já não sabe se aquela é uma situação provisória ou duradoura, nesta ambiguidade passa a narrar suas histórias exaltando aquilo que considera positivo e, transformando em glória o que em alguma situação seria

considerado sofrimento e miséria. É nesse cenário conflitante que a identidade germânica na cidade de Blumenau ganhará destaque sobre a luso-brasileira e assim virará tema do romance em análise.

O crítico inglês Stuart Hall, estudando as mudanças que ocorreram nos conceitos de sujeito e de identidade, afirma que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Embora alertando que “essas identidades não estão impressas em nossos genes” (HALL, 2006, p. 47). Pode-se inferir, a partir da afirmativa de Stuart Hall que na ficção de Lausimar Laus, que o colonizador germânico trouxe consigo suas marcas culturais: língua, religião, literatura, música etc. Aspectos estes que, pela nacionalização do Brasil na década de 1940, perdiam espaço na comunidade blumenauense e era motivo de preocupação entre os germânicos, como afirma, de modo preocupado, o historiador blumenauense José Ferreira da Silva a propósito da assimilação de elementos luso-brasileiros “sobretudo no tocante ao comportamento social, ao amor ao trabalho e ao respeito à lei” (SILVA, 1988, p.193).

Stuart Hall em seus estudos a propósito do conceito de identidade cultural sinaliza que este vem se modificando de acordo com as mudanças da sociedade, especialmente a partir

do processo de globalização, o qual cresceu rapidamente no final do século XX. Para Hall há três concepções de identidade: a primeira chama de sujeito do Iluminismo e está baseada em um indivíduo com um núcleo interior que o acompanha ao longo de sua vida. Na segunda concepção de identidade, a chamada de noção de sujeito sociológico, o indivíduo não é definitivo, sofrendo alterações de acordo com as interações ocorridas com diferentes identidades, o sujeito é formado a partir das relações que estabelece com o mundo exterior. A terceira definição de identidade proposta por Hall está baseada no sujeito pós-moderno, na qual o indivíduo assume diferentes identidades em momentos diferentes. O sujeito transforma-se de acordo com as representações culturais, a identidade é formada e transformada continuamente. No entanto, apesar da variação dos conceitos propostos por Hall, seu foco de estudo são as identidades nacionais que para ele são “formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48).

Assim, o que compõem as culturas nacionais não são apenas as instituições culturais, “mas também símbolos e representações” (HALL, 2006, p. 50) formando o que Benedict Anderson chama de comunidade imaginada. Esta comunidade a qual se refere Anderson é formada pelas memórias, pelo

passado e pelas imagens construídas ao longo de sua história. As experiências são recriadas e partilhadas entre os membros que compõem o grupo, “os triunfos e os desastres dão sentido a nação” (HALL, 2006, p. 52). A identidade nacional, segundo Hall, também está baseada na tradição e continuidade, no mito fundacional ou uma história que localiza a origem daquele povo. Dessa maneira o passado serve de ensinamento e impulso para um futuro ainda mais glorioso.

Aplicando pois na análise do romance as teorias pós-colonialistas, confirma-se o que Stuart Hall nos diz sobre a concepção de identidades: “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Op cit p. 13). Essas forças contraditórias são facilmente identificadas em *O guarda-roupa alemão*, exemplo que fica claro na união entre uma índia e um descendente de alemães e a maneira resignada como a índia recebe os ensinamentos da sogra germânica.

Também o teórico Edward Said, ainda na perspectiva da construção de identidade, sinaliza que o aparecimento e ascensão “de classes emergentes se dá pelas instabilidades, mudanças constantes, movimento, volatilidade” (SAID, 2003. p. 223). Assim, a ficção de Lausimar Laus articula a história

dos primeiros colonizadores germânicos e a assimilação entre as culturas: germânicas e luso-brasileiras. Germânicos que acreditam estar no Brasil o ambiente ideal para a realização de uma nova vida, porém não se distanciam do comportamento cultural que consigo trouxeram da Europa.

O guarda-roupa alemão tem valor documental, em suas pouco mais de 160 páginas, a criação de Lausimar Laus que vamos examinar, ganhará maior significação quando colocada ao lado dos fatos narrados pela história oficial. O período de aproximadamente 70 anos revivido através dos olhos de Homig revela o bom conhecimento que tinha a autora da história da colonização da região em que nasceu e mais ainda, daquilo que hoje se consideram estereótipos em torno dos personagens que fizeram parte dessa história.

1.2 O GUARDA-ROUPA ALEMÃO E A HISTÓRIA NA FICÇÃO

O guarda-roupa alemão é um relato histórico, quase que completo, sobre a imigração e a colonização alemã no litoral catarinense e, em particular, na cidade de Blumenau. A narrativa tem início com o personagem Homig Ziegel sentado em frente ao móvel que será seu cúmplice na rememoração da história da colonização alemã ocorrida em Blumenau:

-Tu vês, Kleiderschrank? Aqui está o último Ziegel! E agora? [...] tu sabes de tudo. Assististe a tudo. Aí trancado, mas atento. [...] Haverá gente nova, meu caro, e gente nova, tu sabes muito bem, é como a cidade nova. A cidade nova é outro caminho. (LAUS, 2006, p. 7).

No romance é narrada a chegada dos colonizadores alemães e as primeiras medidas de ocupação do território a ser colonizado. O período histórico retratado no romance se inscreve entre os anos de 1900 a aproximadamente 1970. Nesse espaço de tempo é importante e significativo sinalizar que ocorreram as duas guerras mundiais, estas intimamente ligadas aos alemães. Lausimar Laus não ignora o período em que Hitler esteve à frente da Alemanha e, por meio do discurso do personagem Homig, faz uma crítica à forma como o período fora conduzido pelos governos alemão e brasileiro, como também pela sociedade da Alemanha e de Blumenau, exposto - como vemos nas seguintes passagens:

A Alemanha passava pela maior crise da história, o desemprego geral, o povo em angústia, esperando por um líder. Foi então que começou a surgir a figura de Hitler. [...] O clima aqui é radical é doutrinário. O nazismo está em pleno desenvolvimento e eu vou me atirar daqui. Se vocês não me

mandarem uma passagem, vou a nado. (LAUS, 2006, p. 117).

Como numa procissão, vinha na frente o seu Werther, um saco de areia pendurado no pescoço, com a cara de Hitler desenhada em cima. [...] Quando de volta à praça, o velho Werther, mais morto que vivo, foi sentado numa cadeira de barbeiro, posta anteriormente no coreto e obrigado a beber óleo de carro. [...] Foi um Deus nos acuda. [...] Homig e Ralf, diante daquela cena, se horrorizaram. (LAUS, 2006, p. 159).

Apesar de a narrativa em estudo ter seu desenvolvimento central na cidade de Blumenau, as referências a outras colônias germânicas instaladas no Brasil são facilmente percebidas, permitindo conhecer alguns dos mais significativos fatos históricos que foram relevantes para a colonização e desenvolvimento da cidade de Blumenau e, principalmente, como estes foram representados no romance pela escritora Lausimar Laus.

A imigração, em termos gerais, só acontece em virtude de algum evento que provoque alguma mudança na vida do homem. O fenômeno do processo migratório é, em princípio, “um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico” (SAYAD, 1998, p. 15). As mudanças que ocasionam o deslocamento dos indivíduos estão ligadas aos problemas que enfrentam em seu espaço de origem, problemas

estes que, na maioria das vezes, são econômicos, étnicos ou religiosos.

Cabe aqui lembrar que, com a vinda para o Brasil, em 1808, da corte portuguesa, foi constatado que as áreas de fronteira estavam expostas à ambição espanhola, especialmente a região do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Assim, em 25 de novembro de 1808, por decreto, D. João VI permitiu aos estrangeiros, de origem não hispânica, a posse da terra em território brasileiro a partir de incentivos do governo imperial. Dá-se, dessa forma, o início do processo de incentivo à colonização germânica no Brasil, com especial destaque na região sul.

A imigração alemã para o Santa Catarina deu-se no momento em que ocorreram as demais imigrações europeias, entre os anos de 1815 e 1914, período inscrito entre o final das guerras napoleônicas e o início da 1ª Guerra Mundial. Em sua maioria, os emigrados eram oriundos de regiões agrárias, artesãos e da indústria caseira. Portanto, estavam habituados ao trabalho agrícola e poderiam assim servir aos propósitos do governo brasileiro.

A propósito da colonização efetuada no Brasil, o historiador Caio Prado Junior destaca dois objetivos principais para a colonização efetuada no Sul do Brasil:

Uma iniciativa oficial, cujo objetivo era ocupar e povoar zonas até então desocupadas e distantes, na maior parte das vezes, da área de influência do latifundiário; a outra, de iniciativa particular, estimulada pelo governo, visava à obtenção de braços livres para a grande lavoura, em substituição ao braço escravo. (APUD: LANDO; BARROS, 1982, p. 11).

Neste sentido o fato de os emigrados germânicos conhecerem o trabalho rural ia ao encontro das necessidades brasileiras de formar uma classe econômica fortalecida, especialmente, após o final do período em que o trabalho na agricultura era essencialmente desempenhado por escravos. Além de substituir a força braçal dos escravos os colonizadores povoariam e ocupariam regiões mais afastadas das áreas litorâneas do Brasil.

Sabemos também que entre as causas para a emigração europeia, no século XIX, estava “o processo de industrialização, englobando a modernização dos transportes e as transformações técnicas e sociais na agricultura, que propiciou uma incrível mudança no cotidiano de milhões de europeus”, como bem destaca Paulo Pinheiro Machado (1999, p. 43). Outro aspecto salientado foi o modo irregular como ocorreu esse processo de desenvolvimento do Brasil, visto que

na zona litorânea havia uma concentração maior de riqueza e no interior ainda havia vastas extensões territoriais sob o domínio dos povos indígenas. No panorama geral do processo de imigração dos alemães para o Brasil temos que considerar ainda os problemas agrários e as constantes invasões dos territórios germânicos na Europa.

A imigração alemã no Vale do Itajaí, mais especificamente em Blumenau, é lembrada e festejada hoje, século XXI, como um fato decisivo para o desenvolvimento e destaque de Santa Catarina no cenário nacional. Os registros históricos dão conta de que, em 2 de setembro de 1850, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau aportou na foz do ribeirão Garcia com mais 17 imigrantes alemães. Para comemorar a data de fundação da cidade, todos os anos, acontece um desfile cívico alusivo a data. Todavia, já foi comprovado através de documentação oficial que, já em 1846, o Dr. Blumenau havia fundado a *Sociedade de Proteção aos imigrantes do Sul do Brasil*. Em 1848, por decisão do governo brasileiro, a sociedade protetora foi dissolvida, e Dr. Blumenau então se associa a Fernando Hackradt, conseguindo permissão para demarcar sua propriedade para colonização particular nas imediações do ribeirão Garcia. Segundo documentação oficial, Dr. Blumenau desejava criar uma colônia próspera e produtiva,

para tanto se preparou e planejou cada detalhe da ocupação, no entanto, a realidade dos primeiros anos da colonização não aconteceu como havia planejado. Começavam os primeiros entraves para o sucesso da colônia, porém tais desvios seriam mais tarde lembrados como feitos de glória.

Os primeiros 17 imigrantes, que desembarcaram em Blumenau foram alojados em galpões, esperando a demarcação de seus lotes e a construção de suas casas. (cf. Anexo A). A mata fechada, o clima úmido e a presença de animais eram os principais problemas dos colonizadores, entretanto “[estes] iam-se conformando com a situação e ativaram-se, corajosamente, ao trabalho” (SILVA, 1995, p. 47). No entanto, apenas duas famílias, Friedenreich e Riemer, radicaram-se em definitivo nas terras do Dr. Blumenau. Os problemas eram muitos e sucessivamente os primeiros imigrantes, sentindo-se desiludidos e com saudade da terra natal, acabavam por retornar à Europa.

É sabido que nos primeiros anos da colonização germânica no Brasil ainda não existia o país unificado Alemanha, como conhecemos nos dias de hoje. Assim, a denominação “imigrante alemão” é explicada pelo historiador João Klug, como sendo “o indivíduo oriundo da confederação alemã e depois do Segundo Império, do Império austríaco e

Suíça alemã, cultura e etnia alemã que voluntariamente deixou seu país, sem a intenção de voltar” (KLUG, 1994, p. 26).
Também para Karl Fouquet

A palavra [alemão] originalmente só se aplicava ao idioma [...]. No século XIX tal vocábulo era utilizado para definir uma unidade de idioma e de cultura, que abrangia diversos países, cada qual com particularidades regionais, gestos e privilégios especiais de prestígio. Em tal sentido, **eram alemães aqueles de língua alemã** que aqui se radicavam. (FOUQUET, 1974, p. 65, grifos nossos).

Em toda a narrativa, *O guarda-roupa alemão*, a autora alterna ficção e realidade, em algumas passagens são privilegiados os acontecimentos históricos amplamente conhecidos pela comunidade local, como a enchente de 1911 ou a partida definitiva da esposa do Dr. Blumenau para Alemanha, ou a instalação do nazismo na Alemanha. No entanto esses acontecimentos são narrados a partir do filtro familiar do olhar dos Ziegel, que em termos gerais são um clã ficcional. Essa perspectiva proposta por Lausimar Laus em seu romance reforça a ideia corrente de que a vida privada do imigrante, não exclusivamente, era centrada no lar e na família, instância que lança bases para a construção identitária na nova

terra. É na família e nas relações que se estabelecem que o imigrante irá fortalecer a sua história, para assim partilhar a identidade que está sendo forjada.

No romance de Lausimar Laus merece ser destacado a semelhança entre o casal administrador da colônia, Dr. Blumenau e Bertha Repsold, personagens da história oficial da cidade e o casal Ervin e Ethel Ziegel, personagens ficcionais criados pela autora. Na narrativa ficcional “as duas (Bertha e Ethel) eram mulheres do saber” (LAUS, 2006, p. 32). A autora do romance em análise leva para a ficção a representação da figura pública Bertha Repsold. Essa era moça de família rica que aceitou casar-se com o colonizador, porém recusava a ideia de viver em uma terra sem o conforto que possuía na Alemanha. Bertha, em seus raros momentos na cidade de Blumenau, foi conselheira das mulheres da colônia, no entanto, entre idas e vindas “um dia não voltou mais” (LAUS, 2006, p. 32).

Ao criar esta personagem - *frau*, Ethel Ziegel, Lausimar Laus parece ter utilizado muitas características de Bertha Repsold, como o fato de as duas serem mulheres versadas em Goethe, e terem o gosto pela música de Beethoven, Chopin, Haydn e de Brahms. Além disso, fica claro no romance que, assim como a esposa do colonizador, Ethel tinha vocação para

pintura: na primeira gaveta do guarda-roupa, Homig encontra um retrato e nele a legenda em alemão: “Ethel Von Moltke, pintora” (LAUS, 2006, p. 32). Também nos momentos finais da vida da personagem fictícia Ethel, Lausimar descreve os delírios juvenis de uma existência não realizada pela exigente matriarca: “Era aquela mania de gritar com os empregados para fecharem a salão de leitura e o ateliê que não havia. Onde estavam os quadros? Tragam minhas coisas. Meus quadros.” (LAUS, 2006, p. 33). Ao contrário da esposa do colonizador, Ethel Ziegel acompanhou seu marido no trabalho de colonizar a cidade de Blumenau mantendo a família dentro das tradições germânicas, no entanto não foi feliz em seu propósito.

Outro aspecto presente em *O guarda-roupa alemão* são as descrições das vestimentas e indumentárias que em muito se assemelham às descrições feitas pelos historiadores e também são comprovadas pelas fotografias daquela época. A descrição da vestimenta da avó feita por Homig, ao ler o diário do avô Klaus, é exemplo de como as colonizadoras nascidas em terras germânicas procuravam manter o costume e a maneira de se vestir, mesmo vivendo em uma região em que o clima era desfavorável a determinados tecidos e calçados:

Mama: a saia preta até os pés, de barra bordada, a blusa branca à moda da Baviera.

O colar de azeviche trazendo na ponta a medalha, o retrato do marido. O chapéu. A copa toda coberta de flores. O sapato abotinado, pesado e difícil. (LAUS, 2006, p. 18).

Mesmo vivendo em um país de clima tropical e em uma região que tem como característica o clima extremamente úmido, as mulheres em dia de festa, mantinham o hábito dos tecidos pesados trazidos da Alemanha. A vestimenta é um dos traços culturais que ainda hoje, século XX, é utilizada como forma de caracterizar a cidade como um exemplo da tradição germânica.

O primeiro impulso da colonização foi modificar o espaço físico, abrindo caminho para que a estrutura de uma cidade fosse erguida. “De acordo com seu objetivo humanístico, Dr. Blumenau não queria deixar os recém-chegados entregues ao acaso”⁴, por isso era necessário abrir espaço naquele local para o desenvolvimento de uma cidade. A colônia de Blumenau, assim como as demais colônias alemãs no Brasil, ficava isolada das outras cidades, sendo que as únicas formas de contato eram as picadas abertas na mata ou através da navegação pelo rio Itajaí-Açu.

⁴ Prefácio de Jutta Blumenau Nisel – bisneta do Dr. Blumenau – para o livro *A colônia Blumenau: na província de Santa Catarina no sul do Brasil* (BLUMENAU, 2002).

“O Blumenau era também o vaporzinho que ia e vinha de Itajaí, fazendo a linha rotineira de todos os dias, levando e trazendo gente” (LAUS, 2006, p. 42). Logo, a explicação para o progresso estava na aliança entre os “recursos governamentais associados à eficiente administração e às iniciativas do Dr. Blumenau” (KLUG, 1994, p. 46). Para história oficial, Dr. Blumenau era um filósofo visionário, visto que mesmo na enchente de 1855, quando perdendo tudo o que havia produzido e construído nos cinco primeiros anos de colonização, buscou recursos junto ao governo imperial do Brasil que, assumiu a colônia como garantia de pagamento nomeando o próprio Hermann Blumenau como seu diretor até 1882. As investidas solitárias e persistentes do fundador e diretor da colônia levaram-no para história como um administrador que deveria ser seguido como exemplo para todos os moradores da colônia que em breve seria declarado município.

O historiador blumenauense, José Ferreira da Silva (1988, p.193), em seus estudos, afirma que os descendentes dos germânicos eram “educados dentro das normas de vida herdadas de seus ancestrais da velha Germânia, normas rígidas e de princípios morais severos, o blumenauense ama o trabalho, a ordem, a disciplina”. Contudo, o início da colônia

Blumenau não foi um dos mais promissores empreendimentos; Fernando Hackradt foi considerado pela história oficial como um péssimo sócio para o Dr. Blumenau, pois não se dedicava ao trabalho de implantação prática da colônia. Em vista disso, a sociedade foi desfeita em 15 de outubro de 1850, resultando em o Dr. Blumenau ficar como o único responsável por toda a organização da pequena cidade que se tentava fundar. Para que as colônias tivessem êxito, os agenciadores na Europa davam prioridade aos camponeses e artesãos para adquirirem lotes e assim darem início a uma colônia agrícola. No entanto,

havia certa heterogeneidade: existia uma predominância de lavradores, além de artífices, operários e outros trabalhadores urbanos, professores, refugiados políticos e até indivíduos com recursos financeiros que puderam dedicar-se às atividades comerciais e industriais. (SEYFERTH, 1999, p. 280).

Mesmo sendo recorrente nos relatos históricos a importância do trabalho para os germânicos, em *O Guarda-roupa alemão* a autora não deixa claro qual a ocupação dos Ziegel. As passagens mais significativas para a narrativa estão marcadas pela arte e pela cultura, visto que o Ervin Ziegel é músico e recita poesia, seu filho Klaus é botânico e tem grande interesse pelas coisas da natureza, Homig nunca tivera uma

profissão, pois saíra da Alemanha antes de concluir os estudos. Os únicos personagens que desenvolvem algum tipo de trabalho são as mulheres, que desempenham as atividades domésticas e ainda os luso-brasileiros que são representados pelos barqueiros que atravessam mercadorias através do rio Itajaí-Açú, a professora Lula, ou os comerciantes de frutas e verduras. É evidente, portanto, no romance em análise, que o clã Ziegel é, muito provavelmente, considerada uma família de posses financeiras, visto que seus membros não possuem preocupação com o trabalho.

A história oficial da cidade Blumenau relata que a vida na região de colonização era difícil, a falta de implementos para que se fizesse o desmate e abertura de espaço para a construção das casas e a presença de animais de toda espécie eram somente alguns dos empecilhos para que se erguesse um vilarejo às margens do rio Itajaí-Açu. Além desses entraves naturais e econômicos, havia ainda a resistência óbvia dos nativos à presença dos novos proprietários das terras. Os constantes conflitos entre os germânicos colonizadores e os índios nativos da região eram inevitáveis, visto que a terra em disputa era o espaço onde viviam as nações indígenas Guaranis, Xoclengs e Nhmbiraquaras, fato este que está registrado no romance em estudo, mostrando como a

colonização foi imposta de maneira arbitrária e imperativa aos índios nhambiquaras:

As flechas voavam no ar. Os índios não entendiam aquela invasão. Lutavam até a última flecha. Os meninos índios sem mães eram acolhidos por uma missão das freiras francesas, lá pras bandas de Nova Trento. (LAUS, 2006, p. 8-9).

Em carta ao Dr. Blumenau, Fernando Ostermann, o primeiro professor da cidade, relata o ataque dos botocudos e, ao final da carta, mostra o sentimento inabalado de coragem dos colonizadores que contrastava com o extermínio impiedoso dos indígenas: “comunicando estes fatos, observo que aqui continuamos sempre com coragem e trabalhando para adiantar a colônia” (KORMANN, 1994, p. 21). Para Fouquet, os europeus encontravam-se em “um permanente tatear, procurar, começar da estaca zero tudo o que na Europa já estava ordenado e demarcado” (FOUQUET, 1974, p. 91).

Os conflitos com os indígenas eram constantes e para afugentá-los ou pacificá-los eram contratados os bugreiros, estes recebiam ordens para não exterminá-los, no entanto, raramente essa ordem era cumprida. Segundo o historiador blumenauense José Deeke, as referências ao número de índios existentes na região são limitadas, assim como as informações

sobre os extermínios. O que se sabe é que se salvaram poucas mulheres e crianças e entre as sobreviventes representadas no romance de Lausimar Laus está a história da índia Sacramento, criada por freiras francesas em um convento e entregue em casamento à família germânica Ziegel.

1.3 O NOVO CENÁRIO

A autora do romance demonstra preocupação com a ambientação de sua história: a cidade de Blumenau. Logo nas primeiras páginas da narrativa descreve o lugar, que ficou conhecido como a nova Alemanha, pelo olhar da professora brasileira nascida em Itajaí, litoral catarinense:

[...] era exatamente a Alemanha. A Alemanha pequena, como a chamavam os germânicos. Tudo era em língua alemã. Desde as inscrições nos jardins. Desde as curtas palavras dos cumprimentos matinais. Que a cidade era linda, era. Havia como que um perfume no ar. Desde a “Velha” até a rua Quinze, eu podia quase procurar um alfinete perdido. Tudo limpo, limpíssimo. As flores brotavam nos jardins das casas, e um sutil romance parece que surgia detrás das cortinas alvas a fugir pelas janelas. (LAUS, 2006, p. 34).

Traço marcante em todo o romance são as referências à limpeza e a ordem da cidade. Assim como a preocupação em recuperar, o mais breve possível, a cidade depois das enchentes sofridas em 1855 e 1911.

Quando o narrador enaltece e valoriza determinadas características da paisagem local, a ficção muito se aproxima da história oficial local, conforme foi dito, registrada por historiadores como José Ferreira da Silva e José Deeke, blumenauenses descendentes de germânicos. Já nos primeiros momentos do romance, percebe-se a natureza exuberante como cenário para o desenvolvimento da narrativa:

Lá fora o dia cantando. O arvoredo em volta cantando. O rio e seus pequenos barcos. Os homens frágeis soltando no ar sua primeira canção no amanhecer. (LAUS, 2006, p. 15).

Até hoje a cidade de Blumenau é chamada pelos imigrantes alemães de “Campo de Flores” – a expressão é assim explicada para Menininha por tia Clara, quando esta chega de Itajaí e se mostra impressionada com a beleza do lugar onde passará a viver:

E as flores são coisa muito antiga da terra. Não é à toa que o velho colonizador e

fundador da cidade viu aqui um campo florido. Se não fosse assim, não se chamaria Blumenau. Não sabes que essa palavra em alemão quer dizer Campo de Flores? (LAUS, 2006, p. 42).

Homig ao rememorar a paisagem do local onde nascera e vivera os primeiros anos de sua infância lembra-se dos chorões e da aroeira, da variedade de frutas. Porém, sua principal constatação foi a modificação que a cidade sofreu ao longo dos anos:

A cidade mudou. Os jardins também. Blumenau, o “Campo de Flores” do velho Ziegel virou fumaça das fábricas. As casas da velha Colônia foram destruídas. Nova arquitetura. Novas visões do rio (LAUS, 2006, p. 7).

Homig narra, concomitantemente, a destruição da floresta e a transformação da colônia rural em cidade urbanizada e industrial. O narrador nos dá sinais de que não só presenciou, mas, sobretudo, teve a experiência da transformação do espaço por meio do relato que faz sentado em frente do *Kleiderschrank*, ao rememorar a história de seus antepassados, suas lutas, especialmente as enchentes que teimavam em destruir a cidade.

O rio Itajaí-Açu, no tempo da colonização, era a única via de comunicação com o mundo exterior – pelo rio várias embarcações desenvolviam suas rotas de transporte de mercadorias e de passageiros. Este mesmo rio, desde a chegada dos primeiros colonizadores, fez-se presente através de suas constantes cheias. Como se sabe, as enchentes sempre fizeram parte da história da cidade de Blumenau, até os dias atuais. Na narrativa em análise a autora representa a enchente de 1911 em detalhes, desde as primeiras opiniões sobre o alcance do nível das águas, passando pela retirada das pessoas de suas casas para abrigarem-se no convento localizado na área mais alta da cidade, até a limpeza e reorganização da cidade.

O clima quente e úmido alinhado à topografia de vale são características que propiciam as chuvas de fim de tarde, conhecidas como trovoadas. Lula, a professora de Itajaí, não se animava com o clima quente e frequentemente reclamava: “A ‘Velha’⁵ parecia um forno. Nuvens imensas e escuras circundavam o lado do pôr do sol. Haveria trovoadas, fatalmente, naquele dia. Como eu odiava aquelas trovoadas” (LAUS, 2006, p. 38).

⁵ Velha é um bairro de Blumenau, localizado ao sul da cidade e possui um dos ribeirões mais importantes que deságuam no rio Itajaí Açu.

As enchentes mais significativas para a cidade ocorreram em 1880 e 1911 e são descritas em longas passagens no romance de Lausimar Laus:

Fazia oito dias que o rio transbordara. [...] Quase toda a cidade debaixo d'água não dava oportunidade de melhores perspectivas. (LAUS, 2006, p. 76).

As águas do Itajaí-Açu, depois das chuvas torrenciais, abandonaram o leito do rio e foram subindo, subindo, até uma altura de quinze metros e três centímetros. Iam invadindo as casas, arrastando tudo. (LAUS, 2006, p. 131).

A vó Sacramento contava com detalhes, [...] na de 11 só as janelas dos sótãos das casas ficaram de fora. Alguns dias ilhados, não faltaram rezas e pedidos a Deus Nosso Senhor para acabar com aquele dilúvio. No fim das contas, as freiras já não tinham mais comida para dar a tanta gente. [...] **quando os Ziegel chegaram a casa, depois da catástrofe, a forte arquitetura estava arruinada.** Cobras deste tamanho, mortas, por toda parte. Eram lagartos, preás, gatos apodrecidos, e o ar putrefato se espalhava como o cheiro da morte. (LAUS, 2006, p. 132-133, grifos nossos).

Esses elementos históricos evocados pela memória desses personagens ajudam a compreender como se pode

reconstruir o passado. A memória coletiva das catástrofes naturais é uma característica facilmente percebida por aqueles que visitam Blumenau. Combinam-se aos traços culturais as catástrofes naturais sofridas pelos germânicos no início da colonização para formar, aquilo que já foi aqui mencionado por Julia Kristeva sobre a exaltação e a máscara. A identidade do imigrante alemão radicado em Blumenau está intimamente ligada, não somente aos aspectos culturais, mas também, às situações adversas, em sua maioria provocada pela natureza.

A maneira como lidavam com situações limite, como no caso das cheias, certamente contribuiu para forjar a identidade dos colonos alemães em Blumenau. A experiência com a enchente e com a reconstrução da cidade conferiu aos imigrantes alemães e a seus descendentes o respeito e a admiração dos brasileiros de diversas origens. É o que Sylvia Caiuby chama de “representação de si, das imagens que uma sociedade ou um grupo específico desta sociedade constrói de si próprio” (CAIUBY, 1993, p. 21). Ainda no século XIX, os moradores de Blumenau têm sua imagem relacionada à mitológica Fênix,⁶ pois parecem conseguir reerguer-se, reconstruindo a cidade onde vivem.

⁶ Figura mitológica grega; é um pássaro que quando morria entrava em autocombustão e depois renascia das próprias cinzas. Por sua vida longa e

Com o passar dos anos, a vida na colônia modificou-se. Blumenau emancipou-se apenas 30 anos depois de sua fundação, portanto em 1880. No romance em análise era referência de cidade ordeira e correta, sendo dessa maneira representada no romance nas palavras do juiz que se instala na cidade e apresenta argumentos ao tenente do exército brasileiro:

Veja a diferença desta cidade para outras do nosso país. O senhor vê sujeira nas ruas? Vê crianças perambulando? Moleques jogando pedras e incomodando vizinhos e passantes? Não senhor. Aqui sempre foi uma cidade civilizada, seu tenente. Menino de manhã está na escola e à tarde, no ofício. Eu acho que o que faz essa gente é trabalhar pelo Brasil, pelo bem comum, seu tenente. Eles só trabalham. Não incomodam a ninguém e estão construindo para o nosso futuro. (LAUS, 2006, p. 91).

Lausimar Laus recria ficcionalmente o que os registros históricos oficiais relatam: o “quanto de heroísmo, coragem e abnegação” (SILVA, 1988, p. 19) faziam parte do caráter dos primeiros imigrantes colonizadores germânicos. É discurso recorrente na região do Vale do Itajaí, seja literário ficcional ou

seu dramático renascimento, tornou-se símbolo de imortalidade e força espiritual.

histórico-oficial, de que a imigração e a colonização foram resultado, via de regra, um elenco de glórias e de conquistas daqueles que colonizaram essa região do Brasil – os alemães. Assim, os imigrantes ao lado da sociedade tradicional criaram o que o historiador Walter Piazza chama de elite emergente (PIAZZA, 1975, p. 254). Cabe observar que, em seus estudos o autor dá destaque a 16 nomes de imigrantes que mereciam ser biografados pelo espírito empreendedor e dinamismo. Entre eles, 10 são personalidades de origem alemã que se fixaram em Blumenau, sendo que todos estes tiveram destaque na vida urbana e na modernização da cidade de Blumenau.

Assim a ideia de pioneirismo está historicamente vinculada à colonização alemã, no entanto, ao contrário do discurso histórico oficial, *O guarda-roupa alemão* representa o arremate final das vidas dos personagens que participaram dessa história, tentando desfazer a imagem mítica de bravura e coragem criada em torno dos imigrantes alemães. Ao contrário, como pretendemos mostrar ao longo deste estudo, o romance de Lausimar Laus representa aspectos universais do homem, como o medo, a insegurança, e mesmo o fanatismo e a loucura.

1.4 O PERIGO ALEMÃO

A leitura de *O guarda-roupa alemão* torna-se muita significativa se a aproximarmos do período histórico retratado, os anos de 1920 a 1970. Com a tomada do poder na Alemanha por Adolph Hitler, cresce no Brasil o sentimento entre os imigrantes e seus descendentes de fortalecer seus laços com o país europeu. Expressões como *Deuschtum*⁷ e *Mucker*⁸ passam a ser propagadas entre os teuto-brasileiros, criando a expressão *perigo alemão* pelos luso-brasileiros. Como explica Giralda Seyferth, “a identidade étnica, em qualquer grupo teuto-brasileiro, está vinculada à ideia de germanidade, ou germanismo: *Deuschtum*, que se apresenta com todas as características de uma ideologia étnica divulgada nas colônias alemãs do sul do Brasil” (SEYFERTH, 1981, p. 13).

Também René Gertz afirma que:

a acusação repetida contra os alemães e descendentes, desde o início da imigração em 1824, é o da não integração. Esses colonizadores se

⁷ René Gertz (1991), em seus estudos, nos diz que *Deuschtum* é um conjunto de aspectos culturais pertencentes a um grupo social – entre os alemães era o idioma, a gastronomia, a música, a religião etc.

⁸ Ainda em René Gertz (1991) encontramos como definição para *Mucker* a ideia de isolamento cultural para fortalecer a cultura dos antepassados, fanatismo exacerbado.

manteriam à margem da nação brasileira pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural em geral [...]. (GERTZ, 1991, p. 13, grifos nossos).

Não muito diferente disso foi o que ocorreu em Blumenau e está explícito em *O guarda-roupa alemão*. Homig é testemunha, através da leitura do diário íntimo de seu avô Klaus, do patriotismo do avô pelo Brasil, pois havia lutado na Guerra do Paraguai ao lado do exército brasileiro. Contudo, os nacionalistas, sob o governo de Getúlio Vargas, empreenderam uma marcha pela nacionalização do Brasil. Homig, da Alemanha, escreve para a bisavó no Brasil e conta o que está acontecendo no país de Hitler:

Começou a surgir uma juventude alemã nacionalista, o fardamento invadiu as ruas, e as complicações, com meu jeito de ser, em nada me ajudam. [...] Não posso mais. Eu sei que nasci bugre mesmo. O clima é radical e doutrinário. O nazismo está em pleno desenvolvimento e eu vou me atirar daqui. Se vocês não me mandarem uma passagem, vou a nado. (LAUS, 2006, p. 117).

Esta ideia natural de regressar ao Brasil e assim se afastar da violência de uma guerra acaba por ser contrariado, já que, através dos ideais de nacionalização do país, os agora não

mais imigrantes alemães, e sim descendentes de alemães, vivem sob a pressão das autoridades brasileiras. Os descendentes dos colonizadores alemães deveriam abdicar de seus costumes e, principalmente, da língua de seus antepassados – mas não poderiam, visto que a identidade alemã era a mais comum na região e não haviam se escolarizado em Língua Portuguesa.

Quem, no romance, sofre com a resistência dos germânicos nascidos no Brasil em aprender o idioma português é a professora Lula. Nascida em Itajaí, a professora vai para Blumenau ensinar Língua Portuguesa, primeiro para os filhos de uma tradicional família alemã, mais tarde passa a lecionar em uma escola pública. Porém, a identificação dos descendentes com a nação alemã é exacerbada:

[...] o dia inteiro eu prego? Crianças vocês nasceram em Blumenau, não foi? Os pais de vocês também, não é? Só os avós vieram de uma pátria distante chamada Alemanha. Vocês são BRA-SI-LEI-ROS. No dia seguinte, pergunto: Que é que tua és? –Alemão. Dá pra entender? Todos eles só dizem que são alemães. (LAUS, 2006, p. 136).

Diante dessa passagem do romance, cabe aqui lembrar as palavras de Walter Benjamin, quando ainda jovem, afirmava

que “o caráter destrutivo não tem o mínimo interesse de ser compreendido. O que ora se apresenta como relevante não considera o que foi construído” (BENJAMIN, 1986, p. 187).

Em 1937, Getúlio Vargas é implacável com todos aqueles que mantiverem alguma ligação com suas origens europeias, foi o que se chamou de nacionalização econômica e cultural da população estrangeira. O que o governo brasileiro não considerava era o fato de que nem todo descendente de alemão fosse adepto das ideias nazistas: “Uma grande quantidade de teuto-brasileiros era já mais brasileira que certos patriotas. Gente que jamais voltara à Alemanha e que tinha suas raízes bem plantadas. Esses também sofreram bastante” (LAUS, 2006, p. 147).

Ao contrário dos primeiros imigrantes que chegaram ao Vale do Itajaí com a perspectiva de criar uma nova Alemanha nos trópicos, Homig retorna da Europa fugindo da barbárie que se instalou com a Segunda Guerra Mundial. Tanto Homig quanto os falantes da língua alemã no Brasil são vítimas do caos da guerra, confirmando-se que a “pobreza de experiência impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir um pouco, sem olhar nem para direita nem para esquerda” (BENJAMIN, 1994, p. 116). Os descendentes dos imigrantes alemães agora sofrem perseguição

por sua origem germânica, precisam reconstruir sua identidade a partir de referências impostas e devem, para manterem-se vivos, despir-se de todos os elementos que os configuram como alemães.

Na obra que estamos analisando, mesmo depois de o tenente do exército brasileiro ter espancado o dono do hotel e ter destruído o que via em sua frente, Frau Weber, esposa do hoteleiro, sai em busca de uma morena de olhos pretos que só falasse o idioma português: atendia assim a exigência do governo brasileiro para que o hotel continuasse a receber hóspedes. Sem falar uma só palavra em português, a senhora alemã recolhe os cacos da destruição, repõe as flores no vaso e coloca a jovem brasileira de Itajaí na recepção para atender seus hóspedes. Assim poderia continuar a viver no Brasil sem a chancela de ser alemã e nazista. A brasileira Isolina era a presença brasileira no hotel alemão, era a cor morena do Brasil entre os descendentes dos colonizadores e o idioma não era a forma de comunicação utilizada por ambas, como representou em seu romance *Lausimar Laus* nas seguintes passagens:

Isolina falando por gesto. A Frau Weber fazia assim com a cabeça, para dizer que estava certo, enquanto guiava o carro. Cada uma com sua língua, que ali não servia para nada. (LAUS, 2006, p. 96).

Chega à portaria Frau Weber, como quem não quer nada, puxa pelo braço da Isolina, abre muito a boca, estica a língua buliçosa. A garota, mais perplexa ainda, (não adiantava perguntar que era aquilo, a Frau não responderia; de alemão ela não entenderia nada e muito menos as dona da casa o português) levantou-se da cadeira e ficou imóvel [...]. (LAUS, 2006, p.97-98).

A presença da jovem morena brasileira assusta os hóspedes acostumados a tratar com Seu Weber, dono do hotel que não mais podia atender na recepção. Isolina era a solução para que o hotel não fechasse as portas, e a melhor maneira era comprar os livros de registro escritos em português, no entanto os “olhos ajaboticabados e as tranças de feiticeira numa cara de jambo era toda a riqueza cultural de Isolina” (LAUS, 2006, p. 100). A jovem brasileira era analfabeta e mesmo com os livros de registro em português não poderia fazê-los. Eis que um dos hóspedes, ao perceber que o problema era maior do que se imaginava, resolve ajudar a dona do hotel e Isolina que passa a ser figura decorativa na recepção do hotel.

Acreditava-se, na época, nos anos da Segunda Guerra Mundial, que Blumenau poderia ser um quisto racial no Brasil. A ideia de que se seria criada uma Alemanha Antártica foi difundida pelo Brasil e também fora dele. O escritor gaúcho Erico Veríssimo, quando esteve nos Estados Unidos, em 1945,

na Universidade da Califórnia, com o objetivo de apresentar a literatura brasileira aos norte-americanos, fez várias conferências que foram reunidas sob o título *Brazilian Literature – an Outline*. Chama-nos a atenção a conferência intitulada “Entre Deuses e os oprimidos”, na qual, o autor de *O tempo e o vento* afirma que o governo brasileiro faz um acordo perigoso com os imigrantes alemães:

Os alemães seriam deixados em paz, para fazerem o que quisessem, desde que em época de eleições eles votassem nos candidatos oficiais. E assim, em meio à indiferença e cegueira dos políticos do velho regime, os alemães se fortaleceram no Brasil, constituindo uma ameaçadora ilha etnológica ou, para usar uma imagem menos poética, “um quisto racial”. (VERISSIMO, 1995, p. 136).

Entretanto, o que se constata é que a vida nas cidades de colonização alemã, em sua grande maioria, era determinada pelo isolamento de seus habitantes devido às grandes distâncias e às precárias condições dos transportes e das estradas. Nessas condições, era evidente a homogeneidade dos grupos sociais – assim manteriam a língua, a confissão religiosa e os costumes cotidianos de seus antepassados.

Convém ressaltar que, mesmo com a campanha de nacionalização e o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, com as restrições às instituições sociais e culturais e com o fechamento de jornais e de escolas, a comunidade germânica não perdeu sua herança étnico-cultural. A segunda metade do século XX é o momento da retomada do orgulho de ser descendente de alemães. É nesse período que a história local passa a ser resgatada e difundida como trajetória histórica de sucesso, uma verdadeira saga, a exaltação dos triunfos e virtudes dos imigrantes e colonizadores germânicos. Já não mais precisavam se esconder para conversarem em idioma alemão, assim como também voltaram a acontecer os encontros nas sociedades dos atiradores e clubes de caça e tiro, além dos festejos e da prática religiosa luterana que haviam sido banidos no período de guerra.

A história oficial que narra os movimentos migratórios e a colonização do espaço em muito está relacionada ao caráter científico. Além disso, o senso comum apregoa que a história, aquela grafada com a letra h em maiúsculo, é contada pelos vencedores e não pelos vencidos. Cabe então à literatura e, mais recentemente, aos estudos pós-colonialistas mostrar aspectos que estejam mais próximos da vida cotidiana dos colonizadores. Lausimar Laus, em seu *O guarda-roupa*

alemão, explora com percepção crítica vários aspectos como, por exemplo: os hábitos alimentares, a indumentária, a linguagem, os costumes da vida social e também da vida privada dos personagens de seu romance.

2 O GUARDA-ROUPA ALEMÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

Sua casa tem algo que ampara. As coisas de seu interior, cheias de histórias de centenas de vidas, guardam traços de amor que se calou em essência e se multiplicou em poesia.

O guarda-roupa alemão.

Fábio Lucas, em seus estudos sobre o caráter social do romance brasileiro, pergunta se “será uma tradição no país, de cultura de formação, romances com a temática da imigração” (LUCAS, 1970, p. 62). Com efeito, percebe-se que os romances, já citados no capítulo I, são obras datadas do final do século XIX e início do século XX, momento histórico no qual os romancistas brasileiros pareciam estar muito preocupados com as questões pertinentes à **identidade nacional**. A representação de personagens que se deslocaram no espaço acontecerá na literatura brasileira, com mais ênfase e variedade, no século XX, especialmente a partir da década de 1930 com os romances de cunho regionalistas ou de caráter social.

A estudiosa da colonização alemã no Brasil Valburga Huber (1993, p. 14) afirma que, nas primeiras décadas de colonização, os imigrantes estavam engajados na luta pela

sobrevivência, num meio selvagem e difícil, e, portanto sem possibilidades de produção intelectual. Mesmo buscando novas terras, os imigrantes germânicos trouxeram na bagagem um pouco de sua herança cultural. Já nas primeiras páginas do romance, Homig, ao ler o diário do avô, descobre as preferências do bisavô Ziegel, que tinha “um fraco por Goethe, sua Poesia e Verdade. O grande amor às coisas de Heine, à sua melancólica ironia em seu Intermezo e Livros das Canções” (LAUS, 2006, p. 27). Espalham-se pelo romance as referências do gosto musical do casal Ziegel: “A velha cultura europeia no cerne de sua alma. Sempre tocando Beethoven ao luar. Chopin, Haydn e Brahms” (LAUS, 2006, p. 28).

Na descrição feita por Lausimar Laus das características da índia Sacramento, percebe-se que a educação esmerada das freiras francesas dá à jovem condições intelectuais de estar à altura de um casamento com Klaus Ziegel, pois era uma índia de origem porém não nos hábitos e costumes. Nos momentos de solidão e tristeza, a criança índia órfã procura na memória a lembrança dos versos do poeta Victor Hugo, “Jardim de Luxemburgo” (LAUS, 2006, p. 21). Além disso, a índia Sacramento também conhecia Charles Baudelaire, pois “recebera de uma freira de seu antigo convento um livro bonito – *Les fleus du mal*” (LAUS, 2006, p.151). Sendo que do Brasil

gostava do poeta Castro Alves, achava Casimiro de Abreu meio besta e Gonçalves Dias muito simpático. Com todo o seu conhecimento sobre poesia clássica, anos mais tarde, já na velhice discutia em voz mansa com o neto Homig, afirmando que “este menino é uma pérola, mas não ama, não sente, não compreende a voz dos poetas” (LAUS, 2006, p.151). A autora dá mostras, na criação da personagem Sacramento, que além dos tradicionais trabalhos domésticos havia a necessidade de as mulheres estarem intelectualmente preparadas para o casamento com um descendente de germânicos.

Lausimar Laus, intelectual atuante em seu tempo de professora, jornalista e escritora, cita em seu romance, através do personagem Homig, desde Verlaine e Carlos Drummond de Andrade, até mesmo o questionado romancista Robbe-Grillet. Em um trecho da narrativa ficção e realidade se confundem, visto que o personagem ficcional Homig leu o livro que Lausimar Laus a pouco havia traduzido, Homig também buscava respostas para suas inquietudes recorrendo aos poemas Carlos Drummond de Andrade, amigo íntimo de Lausimar Laus, fato que será descrito e comprovado ao longo deste trabalho.

2.1 A ESCRITORA CATARINENSE

Lausimar Laus, nasceu em Itajaí a 16 de abril de 1916, onde fez o curso primário. Na adolescência mudou-se com a família para a capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis, onde cursou o secundário no Instituto de Educação de Florianópolis. Transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro onde fez o curso superior de Filosofia e Letras do Instituto Santa Úrsula, onde também lecionou Letras Clássicas. No Rio de Janeiro viveu por quase 40 anos, vindo a falecer de enfarte, em 3 de outubro de 1979 aos 63 anos.

Como jornalista, Lausimar Laus foi redatora das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* por 15 anos, nas quais também atuou como correspondente na Europa entre os anos de 1963 e 1967. No período em que viveu na Europa concluiu o doutorado na faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid, com o título *Estudos Hispânicos Contemporâneos*. Ao retornar ao Brasil atuou professora de Literatura alemã na Universidade Federal Fluminense e no Instituto de Letras, por dois anos.

Atuou na crítica literária escrevendo em O Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Carioca, colaborando também em suplementos literários de todo o Brasil. Também foi a tradutora dos romances *As cobiças*, de

Ludvik Vaculik, o romance francês *Boy*, de Christine Renvoyre e *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*, de Alain Robbe-Grillet, este citado na obra em análise *O guarda-roupa alemão* pelo personagem Homig, que após a leitura afirma para avó: “por Deus, me contorci. O mundo virou do avesso” (LAUS, 2006, p. 29).

Além de toda a sua atividade intelectual e acadêmica, também ocupou o cargo de secretária do ministro Nereu Ramos no Ministério da Justiça, entre os anos de 1955 e 1957. Antes de *O Guarda-roupa alemão*, a autora já havia publicado o romance *Tempo Perdido* (1970). Seu terceiro romance, *Ofélia dos navios* (1983), foi publicado após seu falecimento, em outubro de 1979.

A escritora estreou na literatura com *Fel da terra*, publicado em 1958 – uma coletânea de onze contos que tem como tema central o desequilíbrio psicológico. Para Antônio Hohlfeldt, Lausimar Laus tem como preocupação central, nesses contos, “o sentido da vida, a força do destino que ultrapassa a vontade individual” (HOHLFELDT, 1994, p. 121). A primeira experiência literária, os contos de *Fel da terra* sinalizam e corroboram as ideias que seriam desenvolvidas pela autora mais adiante.

Apesar de não haver nenhum conto com o título específico *Fel da terra*, o amargor e o pessimismo perpassam todos eles. Percebe-se que os contos são um ensaio para a criação de personagens que surgirão mais tarde em *O guarda-roupa alemão*. Se essa coletânea de contos era despretensiosa, com pouco mais de 100 páginas, pode-se dizer que foi bem recebida pela crítica, tanto que Carlos Drummond de Andrade dirige-se a Lausimar Laus em carta pessoal, na qual fala da “generosa simpatia pelos destinos humanos”, que a autora soube “compreendê-los e interpretá-los sob a aparência da ficção”⁹. O poeta Carlos Drummond em seu comentário reconhece nas primeiras narrativas de Lausimar a proximidade entre ficção e realidade, fronteira essa que será explorada pela escritora com mais habilidade e vigor em seus próximos textos.

É relevante aqui salutar a amizade entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e Lausimar Laus. A relação se dá não somente no campo intelectual, como se vê nas palavras do poeta a propósito dos primeiros contos da romancista, também se percebe a efervescência cultural dos anos de 1960, como se percebe na carta enviada à Lausimar quando vivia na Espanha (cf. anexo C). Na missiva o poeta agradece ser escolhido como

⁹ Carta pessoal de Carlos Drummond de Andrade, enviada a Lausimar Laus em 28 de agosto de 1958, e gentilmente cedida pela família para contribuir com este trabalho. (Anexo B).

tema de sua tese e conta o que está sendo publicado no Brasil, os trabalhos de A. Houaiss - Seis Poetas e um Problema, e Othon Moacir Garcia - Esfinge Clara. Na mesma carta fala sobre a democracia que se instala e a relação com os netos.

Tempo perdido saiu em 1970, seu segundo livro publicado e seu primeiro romance. Foi o momento em que a autora retratou a colonização alemã em Santa Catarina pela primeira vez – a personagem Maria Alemoa é a síntese das cores germânicas no Brasil e dava início à representação da mulher na ficção de Lausimar Laus. Sobre esse livro, o crítico catarinense Lauro Junkes, em seus estudos sobre a produção literária de catarinenses, diz que “trata-se de pura criação imaginário ou de transposição literária recriada de experiências vividas na Europa e no Vale do Itajaí” (JUNKES, 1987, p. 96). As personagens femininas são centrais no romance e assim será também em sua próxima produção literária, justamente o romance estudado neste trabalho.

Além da ficção, Lausimar Laus produziu também textos acadêmicos, como a já citada tese sobre o amigo Carlos Drummond de Andrade: O mistério do homem na obra de Drummond, publicada em 1978. A tese premiada em 1953, pela Academia Brasileira de Letras: O romance regionalista brasileiro. Além do estudo: A presença cultural da Alemanha

no Brasil, de 1976, que também mereceu elogios do amigo Carlos (cf. anexo D).

Nas criações da ficcionista encontramos as miudezas da vida diária de personagens fortemente ligados ao ambiente no qual estão inseridos, aspectos que compõem a formação de uma identidade, confirmando que “é o banal [que] constitui uma identidade para nossos hábitos diários” (KRISTEVA, 1994, p. 11). Com efeito, os descendentes germânicos trouxeram seus hábitos e costumes da Alemanha, no entanto, a natureza e as relações que se estabeleceram entre seus descendentes modificaram de alguma forma seu modo de vida.

Pode-se afirmar que as experiências e as escolhas dos imigrantes motivaram a construção de uma identidade cultural própria da região retratada no romance, que, por sua vez, é o mesmo espaço do qual emerge a autora Lausimar Laus. Mas deve se destacar ainda que a ficção de Lausimar Laus narra a história da colonização e a formação de uma comunidade de origem predominantemente alemã, no Vale do Itajaí, através do olhar das mulheres que fizeram parte dessa formação. Confirmando as palavras de Lygia Fagundes Telles: “a ficção feita por mulheres tem suas características próprias, é mais intimista, mais confessional: a mulher pode se revelar, se buscar e se definir [...]” (TELLES, 1997, p. 57), no romance

aqui analisado, como veremos, isso é marcante, considerando que a autora conhecia plenamente a região retratada. Alias, a biografia dessa autora se confunde com a obra, como, por exemplo, no fato de Lausimar ter uma avó índia nascida em Blumenau.

2.2 A CHEGADA D'O GUARDA-ROUPA

Lançado em 1975, no Rio de Janeiro, *O guarda-roupa alemão* recebeu destaque e reconhecimento nacionais por parte da crítica especializada. Sobre essa obra, a romancista e crítica literária, Rachel de Queiroz afirmou:

Era um livro que estava faltando, este *O guarda-roupa alemão*, **romance onde se conta, em boa prosa e com talento**, a vida das faladas colônias alemãs do Vale do Itajaí, tão elogiadas, tão acusadas e caluniadas e na verdade tão desconhecidas do resto do Brasil. [...] a autora conta, sem assumir partidos, o que se passou de um lado e de outro. (SACHET, 1985, p. 150-151, grifos nossos).

Para Tristão Ataíde, pseudônimo do crítico e professor de literatura Alceu Amoroso Lima, “a importância maior do romance não é tanto o segredo guardado pelo velho armário dos antigos imigrantes e sim o quadro magnífico que trata

desse fenômeno, a mais bela aventura humana e um estudo social de grande relevo.” (VIEIRA, 1976, p. 2).

Já o também crítico literário, Leo Gilson Ribeiro, aponta para características singulares do romance, destacando que “Lausimar Laus capta com muita graça irônica o linguajar dos grupos enquistados, suas crenças, mas também revela o lado contritador daqueles povoados desprovidos de escolas por negligência dos governos estadual e federal” (RIBEIRO, 1975, p. 2).

A imprensa do Rio de Janeiro também faz referência ao trabalho da romancista: no jornal carioca, mas de circulação nacional, *O Dia*, Silveira Brasil “recomenda o livro especialmente aos jovens, sugerindo-lhes que procure extrair as grandes lições que encerra, **do amor vencendo o preconceito de raça**, o desastre de uma educação sem liberdade, a crueldade e a selvageria que o irracionalismo pode conduzir as multidões” (BRASIL, 1975, p. 3, grifos nossos).

O professor de teoria literária, Roberto Acizelo Quelha de Souza, em sua apreciação crítica sobre o romance, destacava, por exemplo, a possibilidade de se percorrer o “Campo de Flores” sem nunca ter estado em Santa Catarina. E vai além em seus comentários, constatando “ser surpreendente o resultado, porque é tecnicamente difícil articular num só

relato densidade dramática, pormenores épicos e tonalidade lírica” (SOUZA, 1977, p. 22). Para o crítico, o desfecho da narrativa é considerado “cortante e brusco, extremante natural e extremamente fantástico” (SOUZA, 1977, p. 22).

Nos meios universitários, *O guarda-roupa alemão* teve sua primeira análise crítica em meados dos anos 1970 na Universidade Federal de Santa Catarina, no estudo de Vilca Vieira, que abordava a narrativa através do estudo da estrutura do romance e da metáfora do objeto guarda-roupa (VIEIRA, 1976). Quase três décadas mais tarde, o romance foi incluído em um estudo sobre a temática da imigração alemã, na dissertação de Marjorie Rocha (2004). Há ainda um trabalho a partir da perspectiva dos estudos culturais, valorizando a análise dos conflitos culturais e identitários pertinentes ao deslocamento espacial (BARBOSA, 2002).

Aspecto que também merece destaque neste estudo foi a inclusão desse romance na lista de vestibulares catarinenses¹⁰ por apresentar linguagem simples e enredo bem estruturado.

2.2 ABRINDO O GUARDA-ROUPA

O romance objeto desta análise é uma narrativa ficcional que retoma a história da colonização da cidade de

¹⁰ Vestibulares da UDESC, UFSC e sistema ACADE em 2006, 2007 e 2011.

Blumenau, nele há uma aparente preocupação em demonstrar fatos históricos reais relacionados com o contexto social e cultural dos primeiros anos da cidade. Para tanto, a autora se utiliza de vários personagens para narrar a história a partir de suas impressões pessoais. Os relatos mais marcantes são feitos, na narrativa, por aqueles que não são de origem germânica e que não nasceram na cidade, é o caso, por exemplo, da personagem Menininha, que se transfere da cidade de Itajaí para Blumenau e ali se encanta pelo o hábito dos germânicos cultivarem seus jardins:

Blumenau parece um jardim [...]. Não sei como tudo pode florir o ano inteiro. O Calor do verão não mata a verdura e o colorido. [...] os alemães sabem plantar em cada estação. O vale e o rio, entre as montanhas que se alinham em volta, dão a impressão de outro país, outras terras. (LAUS, 2006, p.41).

Em linhas gerais a história é contada inicialmente pelo personagem Homig, último dos Ziegel. No romance, ele tem a tarefa de abrir uma gaveta do guarda-roupa, que foi trancada pela bisavó Ethel, matriarca da família. A cena que inicia a narrativa é a de Homig na casa da família, sentado diante do móvel que deverá ser aberto. Assim Lausimar Laus também nos coloca diante de dois espaços que serão fundamentais para

o desenvolvimento do romance: o armário, que dá título à obra e a casa, cenário dos principais acontecimentos familiares.

Ao tratar do espaço na ficção “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” nos diz Gaston Bachelard, (BACHELARD, 1996, p. 26). E isso é o que se observa no romance que estamos analisando, onde o narrador central Homig, dentro de casa, sentado em frente ao guarda-roupa, passa a rememorar o passado da família e, por consequência, o passado da cidade. O ponto de vista narrativo, os deslocamentos e a manipulação do tempo são técnicas adotadas pela autora permitindo que o romance seja narrado não só pela memória de Homig, mas também pelos próprios personagens. Assim, Homig apresenta-nos seus bisavós, Erwin e Ethel, descrevendo-os a partir das memórias involuntárias que surgem para ele diante do espelho octogonal, que está preso ao armário. Ao abrir o móvel, encontra o diário de seu avô Klaus e, ali, quem apresenta a índia Sacramento é o seu marido apaixonado. Por outro lado, os personagens de origem luso-brasileira têm voz própria e vão surgindo e sendo descritos no desenrolar das cenas. Há, portanto, um laborioso esforço da autora em tornar o romance uma narrativa não linear e sim uma história que se aproxime da

experiência do fluxo de consciência, no qual os fatos são encadeados por meio das lembranças.

Preparando-se para realizar a sua tarefa, Homig rememora passagens de sua vida, relembra os momentos com a avó índia e com a bisavó alemã. Ao longo de uma tarde, sentado à frente do guarda-roupa, as lembranças tomam conta do velho Homig, que assim nos apresenta a história não oficial de Blumenau e a formação de uma cidade colonizada por imigrantes alemães. Nesta perspectiva do romance em análise, cabe aqui recuperar o que nos diz o filósofo alemão Walter Benjamin a propósito dos recursos literários utilizados por Marcel Proust na sua *Busca do tempo perdido* no que diz respeito ao conceito de memória. Benjamin assinala que em Proust há a coexistência de duas formas de memória, a primeira chamada de voluntária, esta “limitada aos apelos da atenção” (BENJAMIN, 1989, p. 106.). As informações do passado não têm nenhum traço dele.

Já a memória involuntária se dá através do acaso, é desencadeada pelo contato com alguma sensação, como no, já amplamente discutido, episódio da *madeleine* de Proust, ou a presença de algum objeto material que possa acionar a memória. No entanto, a memória involuntária depende da própria experiência daquele que vive a rememoração, assim

nos diz Benjamin, ainda sobre o conceito de memória involuntária em Proust:

Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. (BENJAMIN, 1989, p.107).

Partindo então das memórias voluntárias – a intenção racional de buscar o passado-, aliadas às memórias involuntárias – aquelas remanescentes da presença do móvel guarda-roupa-, além da leitura de diários íntimos, percebemos as relações que se estabeleceram na transformação do espaço do campo para a construção de uma cidade urbana e modernizada. Ainda nesse cenário, Homig será capaz de expressar como as experiências com a guerra, a violência, a velhice e a morte contribuem para a formação de uma identidade cultural, nesse estudo, da cidade de Blumenau.

Diante do *Kleiderschrank* (armário ou guarda-roupa), Homig vivencia as lembranças dos avós Klaus e Sacramento, do bisavô Erwin e da *Grossmutter* Ethel, a bisavó. Tomado pela emoção, Homig não consegue cumprir o pedido de sua bisavó – abrir a gaveta do armário e revelar o segredo da família:

Ontem, o dia inteiro, sozinho, curtindo toda aquela grande estrada dos passados e antepassados com o velho *Kleid*. Propus-me abrir a misteriosa gaveta da *Grossmutter*. Passei a noite e o dia, as horas e os minutos e não tive coragem. (LAUS, 2006, p. 160).

Com o auxílio do primo Ralf, o enigma nos é revelado: Ethel, a *Grossmutter*, matou sua filha Hilda para impedir o nascimento de um filho mestiço, mantendo, assim, a ordem na família alemã e a preservação dos costumes, e, de maneira implícita, também manteria a raça e o sangue germânicos puros. Em carta, a mãe afirma que só cometeu tal crime por convicção e princípios, não havendo espaço para remorso. Com a saúde debilitada e com o segredo revelado, Homig morre no final do romance sem deixar descendentes.

Uma das características presentes em *O guarda-roupa alemão* é o uso dos diálogos através do discurso direto e, por ser a narrativa de um encadeamento de lembranças, este recurso torna o texto mais verossímil, retardando alguns acontecimentos e dando espaço para a aproximação do leitor com a linguagem existente nesta região do país.

Característica também marcante no romance é a escrita fonética dos vocábulos alemães abrigados e as marcas do sotaque regional criadas pela ambiguidade do uso dos idiomas

português e alemão. Ao criar os diálogos entre os jovens Klaus Ziegel e Sacramento, Lausimar Laus deixa evidente a marca do idioma alemão: “*Sacrramente, Sacrramente, mein liebe, mein zucker paier*” (LAUS, 2006, p.24). No entanto, por se tratar de um romance destinado ao público brasileiro, a autora teve o cuidado de colocar a tradução para o português entre parênteses: “Meu amor, meu papelzinho de açúcar”.

Mas, para se compreender as relações estabelecidas entre os imigrantes alemães e seus descendentes com os luso-brasileiros é relevante lembrar como a língua representa a principal característica do nacionalismo, pois é veículo de entendimento.¹¹ Neste romance, a autora transcreve a fala coloquial dos luso-brasileiros, especialmente nos momentos em que eles estão conversando sem a presença de algum personagem de origem germânica. O discurso coloquial é apresentado, por exemplo, pelas palavras do personagem Zeca – que traz notícias dos parentes da personagem tia Clara, os quais vivem em Itajaí – são elas: “dejahoje”, “sê”, “inhora”, “N’inhora”, “trasantonte”, “vim”, “eles não deixa”, “sinhora”, “ficá”, “tá”, “dizê”, “erna” (LAUS, 2006, p. 36-37). Todas essas palavras são grafadas de acordo com a forma da linguagem coloquial, porém não representam empecilho para a

¹¹ Giralda Seyferth discute amplamente este tema em seus estudos sobre a imigração alemã no Vale do Itajaí.

compreensão da mensagem que o personagem de origem humilde Zeca traz da cidade de Itajaí.

Ainda no aspecto linguístico, Lausimar Laus deixa claro o espanto e também o incomodo daqueles que não são de origem germânica e que vivem em Blumenau ao ter que conviver com um idioma diferente do português. As impressões da professora Lula ao descrever a cidade, onde irá fixar-se, são reveladoras ao que tange a dificuldade na assimilação do idioma nacional, pelos descendentes, em detrimento ao idioma alemão, diz a personagem:

Tudo era em língua alemã. Desde as inscrições nos jardins. Desde as curtas palavras dos cumprimentos matinais (LAUS, 2006, p.34).

Assim as lembranças do narrador Homig cruzam-se não só no campo espacial da memória, mas também no campo linguístico, visto que em sua casa falava-se o idioma alemão, na escola só se podia falar o português e com a avó índia a língua afetiva era o francês, idioma que a índia Sacramento aprendera no colégio de freiras onde fora criada.

Considerando essas particularidades linguísticas, há, nas edições mais recentes do romance, um pequeno glossário

para facilitar o entendimento das expressões peculiares à região representada.

Neste livro, a cidade de Blumenau é descrita como um lugar diferente, com características muito próprias: ruas muito limpas, jardins das casas impecáveis, a limpeza das casas, a organização das atividades sociais, entre outras. Essa percepção se dá com a chegada da professora Lula à cidade. De Itajaí, cidade de colonização açoriana do litoral catarinense, Lula vai para Blumenau, onde será, num primeiro momento, a professora particular dos filhos do casal Schmidt e, mais tarde, assumirá a escola oficial do governo brasileiro. Até o aparecimento desta personagem no romance não fica tão evidente que a língua alemã é predominante entre os personagens – é somente a partir das impressões da professora que tomamos conhecimento desse aspecto. Em diálogo com a senhora que a hospeda nos primeiros dias em que está em Blumenau, Lula relata que “precisava de muita fibra para conter essa força de um contingente linguístico, com tão pouca gente falando a língua da pátria” (LAUS, 2006, p. 34).

O fato de a obra de Lausimar Laus surgir na década de 1970 é bastante significativo – por esse tempo as correntes da arte modernista já estão sedimentadas no Brasil. A leitura crítica do momento histórico feita por Fábio Lucas lembra que

“o Modernismo pugnou por uma linguagem coloquial e por um aproveitamento mais intenso do cotidiano, quer na poesia, quer na prosa” (LUCAS, 1989, p. 100). Mas o crítico registra também que “no após-guerra a força do Modernismo começa a ser contida e, ao mesmo tempo, o cuidado formal volta a preocupar os escritores, já saciados com as liberdades excessivas dos primeiros momentos da radicalização modernista” (LUCAS, 1989, p. 104). É isto que se percebe na narrativa da escritora catarinense.

O isolamento das colônias não permitia a assimilação de outras culturas, sendo assim, o caráter homogêneo da língua foi um fator que permitiu a manutenção dos costumes sociais, no entanto foi também preponderante para que tais colônias fossem vistas como a tentativa de se criar uma Alemanha nos trópicos. No romance, tia Clara, brasileira de Itajaí, na tentativa de apaziguar a discussão sobre o uso do idioma alemão explica à filha e à sobrinha que “os brasileiros aqui são pouca gente. Eles são a maioria. E se a gente fosse para a terra deles, será que também não preferia falar a língua da gente?” (LAUS, 2006, p. 105). Situação esta que se confirma historicamente tendo em vista que, nas primeiras décadas de colonização, os imigrantes estavam engajados na luta pela sobrevivência, num

meio selvagem e difícil, e, portanto, sem possibilidades de produção intelectual (HUBER, 1993, p. 14).

Voltando ao texto em exame, a cena que abre o romance propõe uma experiência íntima de Homig com seu passado e com a memória de sua família. Não há a possibilidade de se construir um futuro; o último dos Ziegel, em idade avançada, está dentro da casa que será vendida, diante do velho armário que viera junto com a família da Alemanha – “o *Kleiderschrank* era a única testemunha da angústia [...], da solidão, do desespero” (LAUS, 2006, p. 8). A história irá se desenvolver no desenrolar das memórias que surgirão enquanto Homig estiver sentado diante do móvel. Confirma-se que o “importante, para o que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”, conforme assinala Benjamim (1994, p. 37).

O foco narrativo num primeiro momento se dá através do último dos Ziegel, Homig. Entretanto, o uso das técnicas de fluxo de consciência e de monólogo interior permite o surgimento de outros narradores em primeira pessoa. É a narração onisciente seletiva múltipla, na qual não há propriamente alguém que narra a cena. Como lembra Ligia Chiappini Moraes Leite, “a história vem diretamente, através

da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas” (LEITE, 2007, p. 47). Assim, com estes recursos e através dos diários Klaus e Hilda Ziegel e da memória da professora o autor traduz pensamentos, percepções e sentimentos.

A ação central do romance, como já foi aqui dito, ocorre em Blumenau, cidade fundada pelo colonizador alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, em 1850, às margens do rio Itajaí-Açú, que periodicamente transborda com as chuvas entre os meses de setembro e janeiro. Antes da chegada oficial dos colonizadores germânicos, a região era habitada por índios e tinha uma rica fauna e flora. A colônia Blumenau foi o espaço ideal para que a miscigenação entre os europeus e os nativos ocorresse, considerando que estava muita afastada geograficamente da capital do Estado, a cidade de Desterro, além de que sua única via de comunicação era através da navegação pelo rio.

Os imigrantes alemães que colonizaram a região retratada no romance tiveram como primeira tarefa criar espaço para instalar a colônia. Em seus estudos sobre a história da região, Giralda Seyferth “afirma que o povoamento das áreas de colonização na região sul do Brasil ocorreu de forma dispersa, uma picada principal, aberta na floresta servia de

ponto de partida para demarcação dos primeiros lotes” (SEYFERTH, 1990, p. 22). Assim, cada colono imigrante estabelecia-se em seu lote, instalando ali suas casas, galpões e ranchos. Essas pequenas propriedades formavam uma rede que, aos poucos, ocupou as florestas do sul brasileiro.

Contudo, aliado à derrubada das florestas para serem ocupadas pelos imigrantes, era preciso também dar fim aos índios que ocupavam esses espaços:

Quando chegaram os colonos alemães, o “Campo de Flores” do velho Ziegel fez a debandada dos índios. **Era preciso começar a demarcar a Colônia.** (LAUS, 2006, p. 8-9, grifos nossos).

Começa assim a história dos imigrantes colonizadores na região do Vale do Itajaí e, em especial, na cidade de Blumenau. O primeiro impulso da colonização foi modificar o espaço físico, abrir caminho para que a estrutura de uma cidade fosse erguida. O segundo passo foi o extermínio dos índios e de sua cultura.

Todavia, além do espaço físico da cidade, há outros que merecem destaque no romance como, por exemplo, a casa dos Ziegel, que foi erguida às pressas logo que a família chegou da Alemanha: “sabia-se que era um chalé, pelo telhado da frente formando um triângulo de telhas vermelhas. O mais era um

amontoado de arquitetura normanda, misturando-se com as linhas das velhas casas dos colonos alemães” (LAUS, 2006, p. 6). Porém, mais tarde, quando a família já estava estabelecida, a casa foi reconstruída e agora era um “casarão colonial à moda da antiga Baviera, depois que se derrubou o velho chalé da arte complicada do padre Melcher...” (LAUS, 2006, p. 6-7).

O móvel que dá título ao romance, o guarda-roupa, é também o lugar no qual a narrativa está centralizada. A intimidade da família germânica foi preservada pelas paredes da casa, mas foi o *Kleiderschrank* que guardou a essência da família. Ligadas ao velho armário estavam as roupas da família, os diários da Klaus e Hilda, o espelho que refletia as lembranças e o segredo mais íntimo da matriarca Ethel.

É nesse cenário que Homig se lembrará dos anos de infância, das decepções amorosas, das cheias do rio, mas as lembranças não serão descritas de forma linear, pois são reconstituídas por meio de um monólogo interior que acontece a partir das emoções que são afloradas a cada nova recordação – “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas” (BACHELARD, 1996, p. 27). Quem anima as lembranças de Homig não é o tempo, mas sim o espaço físico da casa, e o guarda-roupa pode ser visto então como a metáfora da memória adormecida pelo tempo. No guarda-roupa

está tudo aquilo que o tempo e as convenções sociais mataram; não foi à toa que a autora colocou em uma das gavetas do móvel o principal segredo da família germânica.

Se a temática central do romance, como já foi mencionado, é a imigração alemã, é a partir dela que outros temas também são desenvolvidos por Laus: miscigenação, preconceito, intolerância, nacionalismo, homossexualismo, loucura, morte. Entre esses temas, a morte é presença constante na rememoração do passado da família por Homig. Ele é visitado em suas lembranças por aqueles que já morreram e, como está em idade avançada, pressente que a sua própria morte se aproxima. Logo no início do romance, no quarto parágrafo, diz o narrador onisciente:

Procurou, na manhã imperfeita, o sinal. O acordar: era o morrer. O próprio sentido do fim. O sinal se perdera ao acaso. E como viver sem o sinal? (LAUS, 2006, p. 5).

A convivência com os idosos, com as catástrofes naturais que aconteciam em ciclos e ainda com as guerras aproximavam Homig e os demais personagens da experiência da morte. Entretanto, o mistério que envolve o “outro lado” não nos é apresentado do ponto de vista religioso; os personagens

buscam explicações para a morte através da natureza e ainda da filosofia:

As coisas são como as coisas mortas. Imóveis. Secas. Mas existindo sempre. Que é o tempo? Homig não sabia definir. Cada dia uma gota caindo. Esgotando devagar. Devagar? Mas quando a gente desperta, lá se foi tudo. Como era possível aquele registrar incansável? Sem fim. Sem términos. Sem tessitura. (LAUS, 2006, p. 127).

A proximidade da morte e a certeza de que não deixará descendentes aflige Homig, que ao longo da narrativa pergunta-se porque está ali revivendo as lembranças de seu passado e por qual motivo deveria violar o móvel, espaço onde residia toda a ideologia de vida alemã da família. A angústia era o mais forte dos sentimentos naqueles momentos finais; voltava então sua memória à avó índia Sacramento que dizia:

A hora amarga de se despedir de tudo. Ir para o nunca mais. A morte é um negócio ignóbil e feio. [...] estava virado do avesso. **A última noite com Kleid. Com a velha casa.** Com o pomar cheio de frutas. Com o jardim cheio de verde. Tudo como antes. Só ele tinha virado do outro lado. A natureza é o sempre. O homem é o nunca. (LAUS, 2006, p. 157, grifos nossos).

Aspectos recorrentes na literatura que tratam do cruzamento entre ficção e realidade histórica são a cartografia da memória, o uso de *flashes* e a utilização das lembranças alheias para narrar uma história, além da escrita fragmentária marcada pela descontinuidade. Em outras palavras, *O guarda-roupa alemão* é uma narrativa não linear que recolhe na memória os fragmentos para contar a história de uma família. A imagem que Walter Benjamin faz do anjo da história – “seu rosto dirigido para o passado olhando a catástrofe única e sob seus pés a ruína dispersa” (BENJAMIN, 1994, p. 226) – dá entendimento para as marcas deixadas no passado de nossos antepassados, possibilitando que sejam recolhidos os restos e fragmentos para narrar e interpretar o tempo presente. A partir da rememoração, o personagem Homig passa a vivenciar a experiência do autoconhecimento – entender sua velhice e a proximidade da morte: Homig, o sensível. [...] “O rosto ainda bonito aos sessenta anos. [...] Pensava: como as pessoas passam depressa!” (LAUS, 2006, p. 29). Em algumas passagens da narrativa Homig conversa com o *Kleiderschrank* revivendo as palavras da família:

Já era noite fechada quando Homig volta outra vez ao presente. Levantou-se da cadeira, afastou-a e disse: - Pois é isso aí Kleid. Bem que a Grossmutter dizia: a vida

é uma merda esmo. Ela te vira do avesso, Homig. Não adianta espernear. Tu podes fugir de ti mesmo, mas vais encontrar contigo todos os minutos. Tu vais ver só. (LAUS, 2006, p. 157).

Ainda na presença única do *Kleid* Homig também recupera as lembranças de quando lia poesia e argumenta a propósito dos versos de Verlaine:

- Verlaine ainda conta? Você há de me perguntar Kleid. E como conta! É a poesia rescendendo amor. Amor que não envelhece, porque é amor de sempre. (LAUS, 2006, p. 30).

E prossegue em sua explanação para seu interlocutor, o guarda-roupa. Teoriza a possibilidade de haver história nos objetos que compõem uma casa, diz ele:

Pense: nunca estamos sós. Antes de nós houve lábios e mãos que souberam afagar. [...] Nos objetos e nos móveis há centenas, milhares de personagens escondidas, ciosas de suas histórias. Muita ternura, muito sofrimento. E tudo isso é amor. (LAUS, 2006, p. 31).

Como se vê, de certo modo, nesta narrativa a personagem Klaus dialoga com Walter Benjamin no tocante ao conceito de história:

Somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'orde Du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final. (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Uma história nunca pode ser definitiva, justamente por não poder atingir com total abrangência todas as dimensões de um fato em determinado tempo. Homig, agora diante de suas memórias voluntárias e involuntárias, percebe e compreende como a colônia se modificou a partir das experiências de cada um dos personagens que fizeram parte dessa história. Dessa maneira, não há como apresentar uma história total da colonização, mas, ao contrário, cada objeto, cada fragmento merece descrições exaustivas.

Consequentemente, o historiador não consegue dar conta de todas as pequenas nuances de um fato histórico. Não há também como narrar a memória pessoal ou alheia sem algum envolvimento emocional; os fatos são narrados a partir de uma escolha que está no tempo presente. E é exatamente aí

nesse espaço que o autor ficcional e a literatura encontram um modo de legitimar suas experiências ou, ainda, é nesse espaço que literatura e história se encontram.

3 O QUE A HISTÓRIA NÃO NOS CONTOU

Eu me esforço demais. Quebro todos os atalhos para não encontrar comigo mesma. Porque o dia em que eu encontrar comigo, não sei mesmo o que acontecerá.

Frau Hetehl Ziegel, O guarda-roupa alemão.

Embora o narrador principal do romance seja Homig, o último da família Ziegel, como mencionado anteriormente, no decorrer do romance, outros personagens relatam suas próprias histórias, através de diários íntimos, ou ainda pelo recurso do fluxo de memória. Por conseguinte, é a pluralidade de vozes que conta a história das muitas mulheres que participaram da (des)construção de uma identidade cultural local. É importante considerar que a autora do romance viveu na Europa nos anos 1970, anos em que o feminismo surgiu tanto como movimento social como crítica teórica. Para Stuart Hall, este “é o grande marco da modernidade tardia” e um momento que “teve também relação direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico” (HALL, 2006, p. 44-45).

Relacionados ao final da Segunda Grande Guerra Mundial estão a industrialização e a modernização das cidades, situações que levaram as mulheres a assumirem postos de

trabalho anteriormente ocupados pelos homens. O teórico dos modernos estudos culturais lembra que o movimento que se iniciou com a intenção de reivindicar posição social para as mulheres “expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero” (HALL, 2006, p. 46). No Brasil, não aconteceu diferente do restante do mundo, a universalização do ensino fundamental, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a transição para um regime democrático impulsionaram as ideias feministas, especialmente no meio acadêmico. Em Santa Catarina, por exemplo, como relata Miriam Grossi no início da década de 1980, “importante linha de pesquisa sobre mulheres é implantada na UFSC¹²” (GROSSI, 1999, p. 330), fato determinante da participação da mulher no meio acadêmico e intelectual a partir de então.

3.1 MULHERES EM DESTAQUE

Como foi dito, Homig é quem nos apresenta as personagens femininas, que serão determinantes para dar soluções aos conflitos existentes. Entre elas encontramos: Madre Danielle, que educa os índios sem família; Ethel, a matriarca alemã da família Ziegel e detentora do poder de

¹² UFSC: Universidade Federal da Santa Catarina – Florianópolis.

transmitir os costumes alemães; Sacramento, a índia que se casa com o jovem alemão filho de Ethel; Hilda, filha de Ethel, completamente ligada à natureza selvagem do lugar onde vivia, por isso não aceitava as convenções da família e da sociedade; Lula, professora brasileira que trava sua luta no magistério tentando ensinar a língua portuguesa aos descendentes alemães; Frau Weber, dona de um hotel e uma das primeiras mulheres a dirigir um automóvel; Menininha, jovem que busca através do prazer sexual dar fim às suas angústias, inclusive com experiências homossexuais. Todas essas mulheres foram presenças marcantes na vida de Homig e, principalmente, na sociedade na qual estão inseridas.

Evidencia-se, no romance, o papel da mulher/mãe/esposa, seja de classe média imigrante e descendente de alemães ou ainda das mulheres mais pobres de origem luso-brasileira. De qualquer forma, pertencendo a qualquer um dos grupos sociais, as mulheres recebiam educação para se tornarem esposas exemplares, cumpridoras de suas atividades domésticas com total perfeição:

ficava (a índia Sacramento) com as mãos todas cortadas de descascar os pêssegos, os abacaxis e as goiabas para a conserva. Os vidros grandes. Todos se coloriam na

prateleira da sala de jantar e a festejavam em colorido. (LAUS, 2006, p. 17).

Como se sabe, tradicionalmente as atividades domésticas eram atribuições femininas: a limpeza das casas, a beleza estética dos vidros de conservas ou ainda os aventais muito brancos e engomados com delicado bordado inglês. Mesmo a índia, que poderia ter um comportamento diferenciado, era extremamente dedicada aos ensinamentos que recebera no convento como também na tentativa de cumprir com perfeição as instruções dadas pela sogra alemã Ethel:

[...] vó Sacramento só contava sobre aquela mulher forte como o granito. Era lidando. Plantando flores, mas também plantando aipim. O morango. Cavando a terra. O avental sempre muito branco, rodeado de bordado inglês. (LAUS, 2006, p. 32).

3.2 ETHEL E HILDA: MÃE, FILHA, MULHER

Ethel Ziegel a bisavó do narrador é, na narrativa, a representação da imigrante forte, perpetuadora da cultura alemã. Para Homig a figura da bisavó confundia-se com o *Kleid*,

duas coisas já tão distantes e tão perto. Como uma corda afogando. Quando veio a Segunda Guerra, a bisavó vendera os velhos móveis. A porcelana. Os cristais. Só ficara o armário.

- Por que o armário, Grossmutter?

- O armário, não. Ele vai ficar para sempre. Para sempre. (LAUS, 2006, p. 6).

Em contraponto à representação da força racional da personagem Ethel há a representação do desafio e da resistência na figura da personagem Hilda. Esta não tinha compromisso com a preservação das tradições germânicas, em seu diário revela suas dúvidas com as coisas da natureza e contesta as práticas sociais determinadas pela tradição, em especial a religião e a sexualidade, perguntando-se:

Afinal: a gente deitar com um homem. E daí? Feio? Por quê? Sempre achei que o natural fosse o gesto simples. Podia ser que todo mundo fizesse às escondidas. Que eu entendesse ser feio, nunca. (LAUS, 2006, p. 80).

A partir dessa relação estabelecida entre a matriarca dominadora alemã e a filha contestadora constatamos no romance de Lausimar Laus a busca das mulheres por uma identidade. Assim, *frau* Ethel relata na carta que deixou

guardada na gaveta, junto aos restos mortais da filha, quais os motivos que a levaram a cometer o assassinato da única filha mulher. Ao que se percebe, o conflito entre as duas, mãe e filha, ultrapassava os limites das convenções familiares – era uma questão de comportamento feminino. Ethel, a mãe, quer indicar qual a melhor maneira de uma jovem se comportar; ao contrário, Hilda, a filha, reage mostrando à mãe que sua natureza é mais forte que qualquer convenção social. A imagem dos cabelos, como pode ser observada na passagem a seguir, é significativa, pois faz uma diferenciação entre as atitudes e o comportamento das duas mulheres:

Naquele dia ela vinha correndo de cabelo solto. Cabelo solto, para a mutter, era sinal de mulher da vida. É verdade. Todo mundo pensava assim. O coque, que a gente chamava de cocó, era o timbre de mulher às direitas: o cabelo bem preso, bem esticado e, lá em cima, o coque. (LAUS, 2006, p. 110).

Giralda Seyferth observa que “há uma ambivalência de sentimentos de uma aristocrata diante de um mundo colonial” (SEYFERTH, 2008, p. 4). Ethel sente-se assim, pois “era sobrinha-neta de marechal? E pintora? Puxa vida! Aquela mulher dura, a Grossmutter? Sabia que ela era sensível” (LAUS, 2006, p. 32), “Ela se desfizera de si mesma, para ser

colona” (LAUS, 2006, p. 32). Apaixonara-se pelo marido e com ele seguiu para o Brasil para colonizar, suas atividades agora estavam ligadas ao trabalho com a terra: plantando flores, aipim, morangos, dava conselhos e ordens a todos, organizava festas sempre delegando as tarefas a serem executadas. No íntimo, queria ser livre como a filha, no entanto, como representante de um clã familiar considerado superior, assumiu suas funções e atividades, realizando-as de forma exemplar.

Lausimar Laus dá voz neste livro a uma personagem que, até o momento, não podia dizer o que sentia, tanto na ficção quanto na história oficial da cidade: Hilda é colocada em evidência e narra seus sentimentos e atitudes através da própria visão. Mas não há um personagem que narre a história de uma jovem que gostava de andar a cavalo nua, ou que mantinha relações sexuais com um negro; conhecemos sua vida a partir de um diário íntimo, no qual os sentimentos mais profundo de Hilda são revelados. A personagem Hilda é a representação e a expressão da natureza local, em que se propunha construir uma sociedade semelhante a existente na Europa, todavia o contato com índios e negros culminava com a miscigenação. Hilda paga com a vida pela coragem de engravidar de um negro; não lhe é permitido ter autonomia para decidir o rumo de sua vida.

Em contrapartida, seu irmão, mesmo contrariando as imposições familiares, casa-se com uma índia e tem seus filhos legitimados pelo governo e pela Igreja – é a paternidade legitimada de filhos mestiços.

Como bem lembra Silviano Santiago, a propósito das narrativas regionalistas no Brasil, “a diversidade dos agentes sociais em confronto numa sociedade descartada para que o narrador se entregue à história da genealogia do clã” (SANTIAGO, 1991, p. 47). É abolido o que é diferente, o Outro, para entregar-se ao elogio do que é mesmo, semelhante. Nesse sentido, Hilda personifica esse Outro, isto é a contestação:

[...] era o diabo em trajes de gente. Pegava cavalo bravo no mato, tirava a roupa toda, montava nua em pelo e cavalgava à vontade. O falatório da vizinhança. Eram só aqueles enredos preconceituosos: Hilda era vagabunda, endemoninhada. (LAUS, 2006, p. 9-10).

Divergindo do comportamento da filha contestadora, a matriarca Ethel era o esteio e o alicerce dos Ziegel, e também para a sociedade em que vivia. Era ela, Ethel, quem manteria viva a cultura e os ensinamentos vindos da Alemanha e até então, considerados os mais corretos de serem aplicados às famílias de origem germânica:

Era uma alemã. De corpo e alma alemã. Só compreendia noras alemãs. Só falava alemão e jamais falaria outra língua. (LAUS, 2006, p. 13).

Klaus Ziegel, o moço marido, calado. Ouvia tudo. Aprendera a ser obediente àquela mãe que nunca vira chorar. Uma mulher forte. Dominante. Que sabia tudo. Que decidia tudo. (LAUS, 2006, p. 13).

Como então poderia a mãe dominadora de origem conservadora alemã admitir a liberdade presente no comportamento da filha nascida no Brasil? O silêncio e a morte são as únicas aliadas da mulher que não compreende, e talvez inveje o comportamento da filha, no entanto expressa em sua carta que o crime fora cometido por amor à filha, e pede então perdão a Deus. Não há vestígios de remorso, Ethel está convencida de que seu argumento é forte e válido: “Uma raça é raça” (LAUS, 2006, p. 167). A manutenção das tradições culturais e a não mestiçagem são as forças motivadoras do desaparecimento de Hilda. Sua morte silenciosa sinaliza a resistência da sociedade conservadora em aceitar o aparecimento de um comportamento distinto ao seu.

3.3 LULA E MENININHA: AS LUSO-BRASILEIRAS

Se no romance de Lausimar Laus as mulheres estão em evidência em toda a trama, não seria justo deixar de lado as mulheres de descendência portuguesa, nascidas no Brasil, as chamadas luso-brasileiras. O discurso das brasileiras cria, no romance, um novo estágio de discussão. “O que está em questão é a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz” é o que afirma Regina Dalcastagnè (2005, p. 16) a respeito do romance brasileiro no século XX. Como vimos, também em *O guarda-roupa alemão*, as personagens femininas têm voz e podem expressar seus sentimentos e mostrar como se comportam diante da sociedade na qual estão inseridas. Contudo, seu discurso ainda é permeado de concepções e ideologias tradicionais, como por exemplo: a obediência ao pai/irmão/marido, além de cultivarem o sonho do casamento feliz.

Com a nacionalização do Brasil imposta na Era Vargas, nos anos de 1930, os alemães teriam que aprender o Português, especialmente as crianças que frequentavam escolas onde só se ensinava em língua alemã. Para isto, uma jovem professora é enviada de Itajaí para Blumenau, onde terá a missão de alfabetizar os falantes da língua de Hitler. Trata-se da professora Lula que tem como primeira missão ensinar o

idioma português aos filhos do casal Schimitt. A professora vive com Tia Clara e suas filhas Cidinha e Dora, ali na cidade predominantemente germânica formam um grupo de mulheres de origem luso-brasileira. Ao assumir as aulas em um das escolas de Blumenau, ela se surpreende com o quadro que encontra:

Aqui é muito difícil de ensinar. Os guris não sabem entender bem o que eu digo, vivo a repetir o dia inteiro os sons das palavras em português: não é agare, é agarre. Não é buro, é burro. Não é senhorra, é senhora. Não é prazilerra, é brasileira. E isso tudo na silabação. A cabeça me dói, a língua me dói de tanto ingressar à força. (LAUS, 2006, p. 135).

A jovem professora, explica a sua tia que escolheu esta profissão por gostar de ensinar, mas insiste em suas considerações sobre a dificuldade dos descendentes dos germânicos em compreender que são brasileiros e não alemães, diz ela:

Eles sofrem castigos, ficam presos, ganham safanões, e acabam até quebrando a cara delas, porque na hora de dizer a nacionalidade, eles só dizem que são alemães. Já viu isso? Da Ilhota, do Gaspar, de Pomerode, de Brusque, de Blumenau e são alemães! Às vezes até que os soldados

do Getúlio têm razão, tia Maria Clara. Têm de ensinar a muque que eles nasceram foi aqui e são é brasileiros. (LAUS, 2006, p.137).

Mesmo com as dificuldades em ensinar o português aos descendentes dos alemães, Lula não desiste e segue com seu trabalho como professora. A personagem criada por Lausimar Laus, em suas primeiras aparições, na narrativa em análise, tem a função de apresentar as impressões dos não germânicos frente aos costumes da sociedade blumenauense e ao idioma alemão, no entanto sua participação na obra será decisiva ao encontrar a personagem Menininha. Será através do olhar da professora Lula que Lausimar Laus descreverá o comportamento sexual baseado no prazer, livre das convenções da sociedade da época.

Menininha é outra jovem que também nascida em Itajaí, mas muda-se para Blumenau por conta da doença do pai. Hospeda-se na mesma casa em que já está a professora Lula. Aparentemente as duas brasileiras são apenas a representação de dois aspectos distintos na representação feminina. Lula é professora, tem profissão, sonha em casar-se com um homem distinto e ter uma vida sossegada longe de qualquer aflição, o que de fato acontece ao longo da narrativa. Em contrapartida, Menininha é superprotegida pelos pais e, até por isso, tem

grande curiosidade pelo mundo que não conhece. Foi criada presa em casa pelos pais, que proibiam seu convívio com outras pessoas, porém aproveita dos momentos com a amiga Zoraide para descobrir o prazer sexual.

O primeiro encontro entre as jovens Lula e Menininha acontece na casa em que estão hospedadas e já neste momento a professora Lula percebe que Menininha tem duas formas diferentes de se comportar: aos olhos dos pais e da tia Clara é cordata e obediente, mas, quando está sozinha, seduz e se deixa seduzir pelos homens. Ao interceptar uma carta do marinheiro Ataliba enviada à Menininha, Lula descobre as intenções da jovem: encontros amorosos no vapor Blumenau. Escandalizada, Lula decide então vigiar a garota e tenta impedir que Menininha possa encontrar-se com o marinheiro. Lula é apaziguadora na tentativa de esclarecer o porquê daquele comportamento:

Ela ainda é uma criança e depois, talvez a maneira pela qual foi criada, sem ninguém, sem contato com outras pessoas, sem serem as da própria casa, isso talvez a tenha posto assim [...]. (LAUS, 2006, p. 55).

Corria o ano de 1911 e a grande enchente aconteceria naqueles dias. Uma verdadeira catástrofe sem comparativos na

história de Blumenau. As jovens, juntamente com quase toda a vizinhança, procuram abrigar-se no colégio das freiras e é lá, durante o isolamento, que acontece a revelação. Depois de vários dias tentando aceitar o comportamento de Menininha, Lula é surpreendida com o choro e a confissão da jovem:

- A Zoraide? Tu sabes? Um dia fomos dormir no convés do barco. Era verão, ela me apertou muito e me transportou num sonho. Não falamos nada, mas eu senti que passei através do seu corpo. [...] Eu enfeitava meus cabelos com flor de azedinha e ela me beijava tanto... Não sei porque, achei que aquilo não era direito. Eu devia namorar um homem. Talvez aquilo fosse paixão, mas ao mesmo tempo dava uma revolta, uma espécie de asco, uma ânsia, quando me lembrava de tudo. Mas, quando ela estava comigo, era como se fosse meu sono esquecendo a vida. Só ela pode dar algo que eu não sei dizer. Já procurei nos homens aquele jeito bom que tem o carinho dela, mas não encontro nada. (LAUS, 2006, p. 75).

- A figura de Zoraide, aquele silêncio grande envolvendo a gente, aquele instante de não dizer nada, só ela me dá. (LAUS, 2006, p. 76).

É o momento da ruptura, o corpo da mulher que era o responsável apenas pela procriação, passa também a ser objeto de prazer. Mesmo que Menininha contasse suas experiências

heterossexuais, nada poderia ser mais espantoso para a professora sonhadora que o discurso do prazer homossexual. “Aquela voz envelhecera uma criança” (LAUS, 2006, p. 76), é o que Lula pensa ao ouvir o relato da jovem.

Ao longo da narrativa as jovens se distanciam, Lula se casa e tem filhos, continua sua vida de professora. Trilhando um caminho oposto, Menininha segue “naquela batida”; assim como Manuel Bandeira (2005), que no poema “Tragédia brasileira” conta a história de Maria Elvira e Misael, Lausimar Laus dá à jovem Menininha um bom marido que a mandava ao dentista e assumia os filhos que arranjava em seus encontros. Quando estava bonita e forte novamente, fugia para viver com outros homens ou no prostíbulo da cidade. Se o poeta não tem piedade de sua “Maria Elvira” tanto que por fim “Misael matou-a com seis tiros” (BANDEIRA, 2005, p. 55), Lausimar Laus, escritora mulher, dá uma nova oportunidade a Menininha: “a última vez que ela apareceu, um médico alemão que a tratou diagnosticou uma doença da cabeça. Esse médico é discípulo de Freud. Sendo assim, ela não tinha jeito mesmo” (LAUS, 2006, p. 158).

3.4 SACRAMENTO: UM ELO SILENCIOSO NA FAMÍLIA

As lembranças mais doces e ternas de Homig certamente estão ligadas à figura da avó, a índia Sacramento. Criada em um convento por freiras francesas em Nova Trento, ainda criança, ela casou-se com o alemão Klaus Ziegel, sendo levada para Blumenau, onde sofreu com a intolerância da sogra alemã Ethel. Apesar de todas as dificuldades, sempre foi resignada, paciente e temente a Deus:

Como era doce e terna a vó índia! Temente a Deus. Humilde. Boa. Tinha mais ou menos um metro e meio de altura. O rosto era um pergaminho: rugas e rugas que Homig contava. [...] o riso dela, riso comprido e silencioso. [...] Ela nunca ralhava. Nunca dizia uma palavra sem a evocação de Deus. A vó Sacramento era mansa como uma pluma. (LAUS, 2006, p. 9).

A avó índia Sacramento é a personagem mais silenciosa de todo o romance, seu discurso limita-se às interjeições religiosas. Ao contrário das demais mulheres representadas na narrativa com um discurso próprio, Sacramento nos é apresentada pelo diário íntimo de seu marido alemão, ou ainda na memória do neto Homig.

Também neste aspecto, a autora retrata uma situação bem comum em sua região natal, muitas meninas índias órfãs eram agregadas às famílias germânicas para serem educadas dentro das tradições culturais e religiosas. Como prova de gratidão, as jovens ajudavam nos trabalhos domésticos e nos cuidados com a propriedade rural. Em seus estudos sobre as mulheres de Blumenau,¹³ Cristina Scheibe Wolff explica que a história dessas índias não está completamente esclarecida afirmando que

na construção de uma imagem nacional brasileira, é recorrente a referência a ancestrais indígenas, geralmente mulheres, e situadas num momento bastante distante da história. Entretanto, quando se passa a explorar a memória individual ou familiar, as referências a esta ascendência indígena tendem a ser “esquecidas”, como se tem visto em vários trabalhos sobre a memória. No caso das regiões de colonização europeia do Sul do Brasil, e mais especificamente ainda, no Estado de Santa Catarina, esta memória chega mesmo a ser “esquecida” pela historiografia e pelas construções identitárias de caráter étnico correntes na atualidade do Estado. (WOLFF, 2003, p. 5).

¹³ Sobre a adoção de crianças índias pelos imigrantes no estado de Santa Catarina, Cristina Scheibe Wolff faz uma ampla abordagem em seus estudos.

Realmente, em *O guarda-roupa alemão*, a avó índia não terá grande participação na vida social local. Não falava o idioma alemão, portanto sua comunicação com a sogra era praticamente nula, resumia-se aos gestos “no silêncio do tumulto, Sacramento só existia ajudando a fazer pão, as tortas, as conservas. A Mutter mandando. Exigindo. Só em gestos. Sem nunca chamar pelo nome” (LAUS, 2006, p. 14). É provável que a única forma de ser lembrada seja através da memória afetiva do último descendente dos Ziegel.

Após o casamento, a índia passa a conviver com Ethel e Hilda. Nesse cenário, presencia o conflito entre mãe e filha, sendo testemunha silenciosa das angústias de Hilda, que procura se desligar das convenções familiares, enquanto Ethel tenta mostrar à filha que o falatório na comunidade não era condizente com sua condição de imigrante alemã colonizadora. A história de Sacramento pode então ser lida como um elo entre as histórias de Ethel e de sua filha Hilda. A índia é a representação da natureza e da cor local do Brasil, ao contrário da maioria das índias agregadas às famílias germânicas, Sacramento consegue a aprovação do administrador da colônia e também do padre para casar-se com Klaus Ziegel. Entretanto, em seu diário, Hilda fala assim da cunhada:

“Sou apaixonada por essa selva do Brasil. Por que não nasci índia? Não como Sacramento, a avó de Homig. Ela é postiça. Índia só por fora. Por dentro, é uma francesa feita na prensa dos preconceitos” (LAUS, 2006, p. 129).

Ao criticar o fato de a cunhada não ter os costumes próprios dos índios, Hilda mostrava-se mais ligada à terra e à natureza do que Sacramento, que era uma índia nativa. Neste sentido, o romance em estudo apresenta uma lacuna: perde-se a representatividade da - quase - índia Sacramento, visto que era a personagem que poderia representar de fato a cor local, com suas peculiaridades. Todavia, a criação da jovem por freiras francesas acaba com a possibilidade de conhecermos como seria a relação entre uma índia e uma sogra alemã. A índia só teria sido aceita pelo fato de ter uma educação francesa, justificativa que autoriza a miscigenação. A leitura crítica de Cristina Wolff revela que

apesar de sistematicamente negada, a participação destas pessoas na história do sul do Brasil aparece nesta memória subterrânea e nos modos de fazer do dia a dia de grande parte da população. A ideia de extermínio parece confortável à historiografia. De certa forma, ela permite negar a existência destas mulheres indígenas na constituição do Sul do Brasil,

tornando-o mais “europeu”, mais “branco”, diferenciando-o de outros povos brasileiros. (WOLFF, 2003, p. 8).

Como vemos, através da memória do narrador, as vozes femininas estão presentes neste romance. De acordo com Roland Barthes, “um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que encontram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” (BARTHES, 2004, p. 64). Nesse sentido, o livro aqui estudado de certo modo, comprova isso: uma pluralidade de vozes femininas permeia toda a narrativa pois, embora o foco seja memória de um homem, esse narrador masculino sofreu, durante toda a sua vida, forte influência das personagens femininas que o cercavam. Concomitantemente, há ainda as vozes dos imigrantes alemães homens, dos brasileiros, bugreiros, oficiais do exército, dos representantes da igreja – vozes que compõem a sociedade representada no romance.

Mas certamente, pode-se afirmar que a identidade cultural local que se constrói está intimamente ligada com as escolhas feitas pelas mulheres pertencentes aos grupos sociais da época. A afirmativa de Sylvia Caiuby, de que a “identidade não é algo dado, mas uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais” (CAIUBY, 1993, p. 25), é confirmada pela narrativa, em especial num

elemento central da trama: o desaparecimento da alemã Hilda que, grávida de um negro, é assassinada pela própria mãe, sem que se possa dar espaço ou oportunidade para uma miscigenação.

O que encontramos em *O guarda-roupa alemão* é uma cartografia de lembranças ou ainda a tentativa de contar a história das mulheres que ajudaram a formar uma região e, sobretudo, foram responsáveis pela construção de uma identidade cultural local. As marcas dessa identidade ainda podem ser encontradas na região de Blumenau no século XXI, principalmente em época de festividades germânicas – momento em que as mães prendem os cabelos das jovens em coques ornados com flores, usando os vestidos e aventais que exibem sua brancura e seu delicado bordado inglês.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] tinha de mergulhar no passado, de curtir o mundo do kleid e todo esse mistério que ele encerra. Ele está repleto de todas as cenas e de todas as respirações, das lágrimas, dos risos, das chegadas e das despedidas. Da vida e da morte.

O guarda-roupa alemão

Na literatura com base no Vale do Itajaí encontram-se exemplos de romances que fazem referência à imagem do colonizador como esteio para o pleno desenvolvimento econômico e cultural do estado de Santa Catarina. Entre eles podemos citar *Desafio dos olhos azuis*, de Evaldo Pauli, publicado em 1966; *Verde vale*, em 1979, *As brumas dançam sobre o espelho do rio*, em 1981, *No tempo das tangerinas e Cruzeiros do Sul*, em 1983, de Urda Alice Klueger; *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Junior, em 1986; além de os mais recentes *Jornada com Rupert*, em 2008, de Salim Miguel; e *Marcelino Nanmbrá, o manumisso*, em 2000, de Godofredo de Oliveira Neto. Tratam-se de romances em que a temática da imigração alemã é elemento de desenvolvimento do enredo: neles os imigrantes de origem alemã são personagens que

procuram manter a tradição familiar à custa da própria felicidade.

A problemática cultural que se caracteriza na virada do século XXI está marcada pelas discussões de identidade dentro dos grupos sociais. Sobre essas discussões o estudioso Homi Bhabha afirma em seus estudos sobre o discurso colonial que

a pós-colonialidade é um salutar lembrete das relações ‘neocoloniais’ remanescentes no interior da ‘nova’ ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento das estratégias de resistência (BHABHA, 1998, p.26).

Como vimos no desenvolvimento da presente análise que a construção de determinada identidade está baseada na memória pessoal e/ou na memória de outro, e ainda, talvez, na imaginação. A literatura tem-se revelado como recurso capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural ou ainda fortalecer a construção de um universo de fundo mítico.

Nas palavras de Zygmunt Bauman,

a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo

de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária. (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Assim sendo, pode-se notar que identidade é algo em constante movimento, algo que se constrói por meio de fatores externos e internos à cultura e ainda ao próprio homem. Lausimar Laus, atenta às transformações presentes no início do século XX, em seu *O guarda-roupa alemão* registrou o orgulho racial da *grossmutter* evidente em seu poder totalizador. É ela quem impõe os limites e em um espaço de tensão onde tradição e novidade não convergem para um equilíbrio.

O encontro de um ponto de equilíbrio poderia ter ocorrido na aceitação da gravidez da filha Hilda, no entanto a interrupção da vida da jovem corrobora com a manutenção da ordem social, a qual a matriarca germânica acredita ser a adequada. O caminho para a miscigenação, no romance, se dá através do homem, o filho Klaus, que contrariando a imposição das regras da mãe casa-se com uma índia e cria sua própria família, porém não distante das referências simbólicas de sua comunidade.

O que a história oficial registra sobre a nacionalização do país também é retratado no romance de Lausimar Laus,

especialmente por meio do discurso dos oficiais do exército brasileiro.

Ao longo desta obra, temos contato com um painel das relações entre imigrantes alemães e luso-brasileiros, além da referência direta aos índios, através da imagem da avó Sacramento. Nesse painel, é possível também visualizar as particularidades de uma colônia europeia que se instalou no continente americano na segunda metade do século XIX e início de século XX, momento de transformações tanto na Europa quanto no Brasil.

As relações que se estabelecem entre estudos históricos e literários contribuem para delinear como a figura épica e estereotipada do imigrante e colonizador europeu (neste trabalho, especificamente o imigrante alemão) construiu uma identidade local na região do Vale do Itajaí, tornando-se referência de identidade civilizada e culturalmente superior. O que se percebe no século XX, principalmente no momento pós Segunda Guerra Mundial, é a tentativa de contar a história da imigração alemã no Vale do Itajaí através da literatura pelas mais diversas publicações. Como, por exemplo, a implementação da revista *Blumenau em Cadernos* que, em seu primeiro número, em novembro de 1957, afirma no texto de abertura:

a que viemos,[...] para tornar conhecida a história do município, mais estimada e venerada **a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo** aos que, na hora que passa, trabalham por que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado. (A que viemos, 1957,p. 1. grifos nossos).

Ou pelas publicações comemorativas das datas festivas como, por exemplo, o dia do imigrante em 25 de julho, ou a comemoração da Fundação de Blumenau, em 2 de setembro, ou ainda mais recentemente pelas publicações destinadas aos turistas que visitam Blumenau no mês de outubro, durante a realização da *Oktoberfest* que, segundo o site oficial desta festa “é inspirada na Oktoberfest de Munique, a versão blumenauense nasceu da vontade do povo em expressar seu amor pela vida e pelas tradições germânicas. Sua primeira edição foi realizada em 1984.”¹⁴

O guarda-roupa alemão está centrado na convergência de fatores intelectuais e psicológicos de cada indivíduo, na qual a tradição cultural, a língua, a religião, história e filosofia interferem diretamente na construção de uma identidade

¹⁴ Disponível em: <<http://www.oktoberfestblumenau.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

regional. Buscou-se aqui compreender como literatura e memória podem estar ligadas e contribuir entre si para o entendimento de uma repetição de comportamento.

Em *O guarda-roupa alemão* Lausimar Laus limita um espaço que lhe é familiar, a cidade de Blumenau, para desenvolver a narrativa de situações que poderiam ser vivenciadas por qualquer outro grupo de imigrantes que se deslocam para reconstruir suas vidas. No romance tomamos contato com um referencial simbólico que pertence a um determinado grupo étnico, nesse sentido foi necessário para o trabalho, contextualizar aspectos históricos e geográficos, visto que o romance em análise é uma obra de ficção com vestígios da realidade.

No que diz respeito às questões de gênero é impossível ler *O guarda-roupa alemão* sem perceber a importância das personagens femininas para a construção de uma identidade cultural. As figuras femininas presentes na narrativa, em alguns momentos confundem-se com a vida da autora que: era professora como Lula, tinha uma avó índia semelhante à Sacramento avó de Homig, era versada na literatura clássica como Ethel, além de ser uma mulher que sempre teve um trabalho intelectual marcante na sociedade, fato que pode ser comparado à busca pela liberdade feita por Hilda. Cada uma

das mulheres criadas por Lausimar Laus carregam traços da personalidade das mulheres do seu tempo.

Com razão João Carlos Tedesco, afirma “as histórias narradas servem também para contar a história do espaço de vida comunitário e a dimensão local da existência e da sociabilidade” (TEDESCO, 2004, p. 306). Desse modo, produzem-se representações e autoidentificação, personalização e participação no espaço e na história local. E certamente Lausimar Laus registrou isso bem em *O guarda-roupa alemão*, pois o mundo do *Kleid* é como esta “cidade: Colônia, sofrimentos, fugas, realizações, documentos, tudo” (LAUS, 2006, p. 161). O móvel guarda os restos do corpo da contestadora Hilda, ele auxilia a matriarca Ethel na manutenção de um discurso capaz de construir em uma sociedade a mítica para fortalecê-la diante de outras sociedades.

No entanto Lausimar Laus sinaliza em seu romance que é frágil a construção do estereótipo do imigrante de coragem, forte e trabalhador. Em seu romance fica evidente que uma sociedade se constrói na diversidade e nas relações contraditórias, não apenas na repetição das narrativas que servem como exemplo para os mais jovens. Assim, é possível afirmar que *O guarda-roupa alemão* representa a trajetória da

colonização de Blumenau, alicerçada em aspectos culturais europeus dos séculos XIX, demonstrando que escolhas baseadas no fanatismo e na manutenção de um estereótipo podem acarretar péssimas consequências. No romance analisado a principal consequência é representada pela dissolução da família Ziegel, que chega ao seu final sem deixar um legado, restando apenas as recordações guardadas em um armário: o guarda-roupa.

REFERÊNCIAS CITADAS

A que viemos. *Blumenau em cadernos*. Blumenau: nº 1, tomo 1, p. 1, Nov. 1957.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem e Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das fronteiras: O Guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. 2002. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. *O caráter destrutivo*. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. *A colônia Blumenau: na província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Blumenau: Cultura e Movimento, 2002.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL, Silveira. Livros: O guarda-roupa alemão. *Jornal O Dia*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1975, p. 2.

CAIUBY, Sylvia Novaes. *Jogo de espelhos*. São Paulo: Edusp, 1993.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: _____. *Estudos de literatura brasileira contemporânea: A personagem do romance*. Brasília: Editora da UNB, 2005. p. 13-71.

FOUQUET, Karl. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

GROSSI, Miriam Pillar. Estudos sobre mulheres ou de gênero? Afinal o que fazemos? In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análise, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 329 - 343.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOHLFELDT, Antonio. *A literatura catarinense em busca da identidade* (Romance). Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança, o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987.

KLUG, João. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro*. Florianópolis: Papa Livros, 1994.

KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias da sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Edição da autora, 1994. (4 volumes).

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxen. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

LAUS, Lausimar. *O Guarda-roupa alemão*. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2007.

LUCAS, Fabio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Ática, 1989.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIAZZA, Walter F. *A modernização e as elites emergentes: a contribuição Alemã*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975.

RIBEIRO, Leo Gilson. *O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. Suplemento literário de Minas gerais, 27 dez. 1975.

ROCHA, Marjorie Nunes Miranda. *Três narrativas, o mesmo tema: a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus*. 2004. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. *Revista Punto de Vista*, Buenos Aires, jul.-set. 1991.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. Modernidade e tradição popular. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói/Abrealic, v. 1, n. 1, p. 41-51, 1991.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1990.

_____. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a America: a imigração em massa para a America Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 273-313.

_____. Problemas de classe e de gênero em narrativas identitárias. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008.

SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

_____. *O Dr. Blumenau*. Florianópolis: EDEME e Paralelo 27, 1995.

SOUZA, Roberto Acizelo. Notas sobre 'O guarda roupa alemão', Romance de Lausimar Laus. *Jornal de Santa Catarina*, Florianópolis, 04 maio 1977. Seção de literatura, p. 22.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo-UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 57-63.

VERISSIMO, Erico. *Entre Deus e os oprimidos*. In: VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995. [Tradução de: *Brazilian literature on outline*, por Maria da Glória Bordini].

VIEIRA, Vilca Marlina. *Uma leitura metafórica d'O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. 1976. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1976.

WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres indígenas na construção etnohistórica de Santa Catarina: memórias de um esquecimento. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2, 2003, Florianópolis. *Anais...* Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALBERSHEIM, Úrsula. *Uma comunidade teuto-brasileira*. Jarim (SC). Rio de Janeiro, MEC/INEP, 1962

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Diefel, 2006.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENOIST, Luc. *Signos, símbolos e mitos*. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

CAILLOIS, Roger. *O mito e o homem*. Trad. José Calisto dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1972.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 3. ed. rev. São Paulo: Nacional, 1973.

_____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1964.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *O próprio e o alheio, ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras, (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

_____. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: OLAC: FAE, 1990.

DUARTE, Manuel. *Os alemães em Santa Catarina: notas de um excursionista*. Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1917.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. da Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Minimizar identidades. In: JOBIM, José Luís. *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESI, Furio. *O mito*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

KLUEGER, Urda Alice. *Verde Vale*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: Prosa*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

PAULI, Evaldo, *Desafio aos olhos azuis*. Florianópolis: Lunardelli, 1978.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1974.

SCHREINER, Renate. *Entre a ficção e a realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado: Fates; Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996.

SCHRÖDER, Ferdinand; DREHER, Martin Norberto. *A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859*. Porto Alegre: EDIPUCRS; São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

SORJ, Bila. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VERISSIMO, Erico. *Breve historia da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1997.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL/MEC, 1980.

BIBLIOGRAFIA DE LAUSIMAR LAUS

Poesia

Confidencias... . Rio de Janeiro: Zélio Valverde, s/d.

Literatura infantil

Histórias do mundo azul. Rio de Janeiro: Pongetti, s/d.

Aventuras de Zé Colaço. Rio de Janeiro: Pongetti, s/d.

O sonho da Candoquinha. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

Brincando no Olimpo. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1953.

Contos

Fel da terra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1958.

Estudos acadêmicos

O romance regionalista brasileiro. Rio de Janeiro: ABL, 1953.

O mistério do homem na obra de Drummond. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro; Brasília: MEC, 1978.

A presença cultural da Alemanha no Brasil. Florianópolis: Lunardelli, s/d.

Romances

Tempo perdido. Rio de Janeiro: Americana, 1970.

O guarda-roupa alemão. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1975.

Ofélia dos navios. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

Traduções

ROBBE-GRILLET, Alain. *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*. Rio de Janeiro: Pallas/Americana, 1974.

RIVOYRE, Christine de. *Boy*. Rio de Janeiro: Pallas/Americana, 1975.

VALCULIK, Ludvik. *As cobaias*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ANEXO A

Relação dos primeiros colonos imigrantes que chegaram à barra do ribeirão da Velha, em Blumenau, a 2 de setembro de 1850

- REINOLDO GARTNER: com 26 anos de idade, solteiro, natural de Brunsvique, sobrinho, pelo lado materno, do Dr. Blumenau;
- FRANCISCO SALLENTIEN: com 24 anos, solteiro, lavrador, também natural de Brunsvique;
- PAULO KELLNER: 23 anos, solteiro, lavrador, igualmente de Brunsvique;
- JÚLIO RITSCHER: 22 anos, solteiro, agrimensor, natural de Hannover;
- GUILHERME FRIEDENREICH: com 27 anos de idade, alveitar, natural da Prússia, casado com Minna;
- MINNA FRIEDENREICH: 24 anos de idade, mãe de Clara e Alma;
- CLARA: com 2 anos de idade;
- ALMA: com 9 meses;
- DANIEL PFAFFENDORFF: 26 anos de idade, solteiro, carpinteiro, natural da Saxônia;

- FREDERICO GEIER: 27 anos de idade, solteiro, marceneiro, natural de Holstein;
- FREDERICO RIEMER: 46 anos de idade, solteiro, charuteiro, natural da Prússia;
- ERICH HOFFMANN: 22 anos de idade, ferreiro, funileiro, também da Prússia;
- ANDRÉ KOLMANN: 52 anos de idade, ferreiro, igualmente da Prússia, acompanhado da esposa Joana;
- JOANNA KOLMANN: 44 anos de idade, mãe de Maria e Cristina;
- MARIA: 20 anos de idade, solteira;
- CRISTINA: 17 anos, também solteira;
- ANDRÉ BOETTSCHER: com 22 anos de idade, solteiro, ferreiro, natural da Prússia.

ANEXO B

Carta de Carlos Drummond de Andrade à Lausimar Laus
(original em posse da família)

Rio, 25 de agosto de 1958.

Lausimar:

Aqui estou para trazer a você minha palavra de afetuoso agradecimento. O belo presente que foi seu livro muito me tocou. Através dos contos de “Fel da Terra”, é a presença da autora que eu tinha, cheia de generosa simpatia pelos destinos humanos, e sabendo compreendê-los e interpretá-lo sob a aparência da ficção, como antes soubera exprimir-te subjetivamente na poesia.

O abraço amigo, Lausimar, e a velha admiração do

Carlos

ANEXO C

Carta de Carlos Drummond de Andrade à Lausimar Laus
(original em posse da família)

Rio, 18 de janeiro de 1967.

Lausimar, querida:

Para início de conversa, estou com um bruto ódio de El Cordobés, que pelo visto ameaça apropriar-se de uma parte essencial da paisagem feminina, artística e afetiva do Brasil, ou seja, você. Sempre tive implicância com toureiros, e vejo agora que era premonição. Você se revela tão gamada por esse grupo matador que estou vendo a hora de fazermos uma expedição armada à Espanha, a fim de recuperar o que é nosso e do qual não abrimos mão. El Cordobés que se cuide; eu, que não sou de briga, saberei demonstrar meu valor à frente do exército libertador.

No mais, querida, fiquei contente com as boas notícias de teu giro pelos EUA e de tua grata estação castelhana. E vaidoso por me tornar assunto na tese, e tese de você. O que não há para mandar são coisas impressas a respeito de minha

suposta ilustre figura. Artigos de jornais, em regra, não envolvem perspectiva crítica. De bom me ocorre citar os trabalhos de A. Houaiss (“Seis Poetas e um Problema”), nos Cadernos de Cultura, e Othon Moacir Garcia (“Esfinge Clara”), ed. da S. José. Só disponho de um exemplar de cada, e no momento um rapaz aqui está fazendo um levantamento a meu respeito e precisando deles. Vou ver se arranjo esses folhetos em alguma livraria (acho que estão esgotados) para enviar a você. Na José Olympio, deve sair um estudo excelente do falecido Hécio Martins, que seguirá logo seja publicado. Procure ver aí: uma nota de D. Alonso e Angel Crespo na “Revista de Cultura Brasileña”, dezembro de 1962, e o prefácio de Rafael Santos Torroella à pequena edição de meus “Poemas” (Madrid, Ediciones Rialp, 1951). E é só. Se achar pouco, pode inventar alguma coisa, fica até bonito encher minha poesia de valores e transcendências...

Aqui, minha cara, tudo cada vez mais cada vez. Marchamos para a democracia autoritária, com leis severinas que farão o milagre de botar tudo nos eixos, como essas leis costumam fazer. Queria escrever mais, porém o escritório foi invadido pelo Carlos Manuel, que pediu a máquina para continuar a produzir uma novela espacial bárbara, pelo Luís Maurício, que me encomenda preparar os nomes de jogadores e

respectivos escudos para o time de futebol de botão, e pelo Pedrinho, que quer jogar comigo batalha naval. E além do mais, sou este péssimo datilógrafo que você vê. Dolores manda lembranças, e com elas vai o abraço carinhoso do

Carlos

ANEXO D

Carta de Carlos Drummond de Andrade à Lausimar Laus
(original em posse da família)

Rio, 2. 11. 76

Lausimar amiga, você faz de uma casa um roseiral. Assim, envelhecer fica até perfumado. E o perfume não é só das rosas, mas também das palavras de carinho que brotam de sua amizade.

Gratíssimo. E agora, os parabéns vão para você, pelo (palavra ilegível) e belo trabalho, sobre a presença cultural da Alemanha no Brasil. Presença de que você, brasileirinha da Silva, é aluda um reflexo expressivo.

Abraço do
Carlos